

ESAB

**Escola Superior Aberta
do Brasil**

METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA



**Autores: Jaime Roy Doxsey
Joelma De Riz**

CAPÍTULO 1

1. Introdução

Este módulo explora temas relacionados à metodologia científica, introduzindo alguns procedimentos básicos de pesquisa em geral. Também apresenta os passos necessários para a elaboração de um projeto de pesquisa bem como as normas acadêmicas em vigor para um trabalho escrito: um artigo científico ou uma monografia. É importante que você pesquise outras fontes, na Internet ou em livros e textos adicionais para suprir suas necessidades de aprendizagem sobre metodologia de pesquisa científica na sua área de conhecimento.

1.1 Ementa

Os pressupostos teóricos e metodologias da pesquisa científica e a utilização de instrumentos, utilizando as regras oficiais acadêmicas para elaboração do trabalho científico.

1.2 Objetivos

Introduzir a metodologia de pesquisa enquanto processo de aprendizagem sobre a produção do conhecimento e a comunicação científica dos resultados.

CAPÍTULO 2

2. A pesquisa científica



Quando falamos em pesquisa científica, vários elementos vêm à nossa mente: pensamos nos laboratórios bem equipados, nos experimentos com ratos, na manipulação de plantas, nos microscópios, nos engenheiros criando as parafernálias tecnológicas...

Ou seja, a idéia que o termo pesquisa científica traduz pra nós está muito ligada às áreas de saúde e de tecnologia. No entanto, é possível também estudar os fenômenos sociais e as aplicações das novas tecnologias, tarefas que ficam a cargo das Ciências Humanas, da Educação, e das Ciências da Informática, quando têm no homem seu objeto de estudo.

Assim, a pesquisa científica abarca as ciências naturais, exatas e sociais. Em todas essas áreas, homens e mulheres se vêem intrigados por enigmas que precisam decifrar. E embrenham-se na busca de respostas para eles.

Essa busca acontece desde que o mundo é mundo, pois o ser humano traz consigo a curiosidade, a necessidade de transformar o ambiente em que vive. Por isso mesmo, se olharmos para trás, veremos que nossos antepassados sempre

estiveram em busca de respostas para seus problemas, tentando entender como os fenômenos aconteciam, movimentando o fazer científico.

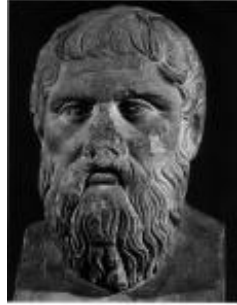
A ciência, portanto, busca respostas, é *"a investigação metódica, organizada, da realidade, para descobrir a essência dos seres e dos fenômenos e as leis que os regem com o fim de aproveitar as propriedades das coisas e dos processos naturais em benefício do homem"* (PINTO apud RICHARDSON, 1999, p. 21).

As respostas, por sua vez, resultam em novos conhecimentos, pois respondem a muitas de nossas muitas indagações. Para chegar a essa etapa, no entanto, o cientista precisa passar por outras duas: refletir sobre o fenômeno estudado e saber como ele acontece, para, finalmente, explicar como ele acontece (ibid, p. 20).

CAPÍTULO 3



Aristóteles



Platão

3. Como fazer ciência: o método científico

Ciência não é algo que se faça assim, de qualquer maneira. Quando um cientista realiza uma pesquisa, deve seguir métodos. Método é a junção dos termos gregos *meta* (além de, após de) e *ódos* (caminho), sendo definido como "*o caminho ou maneira para chegar a determinado fim ou objetivo*" (RICHARDSON, 1999, p. 22).

Na Grécia antiga, pensadores como Platão e Aristóteles já tentavam organizar um método para a produção do conhecimento. No século XVI, Galileu defendia a elaboração e a testagem de hipóteses, etapas que fazem parte do método usado pela ciência moderna, que se consolidou com Francis Bacon e René Descartes. Para Descartes, o conhecimento verdadeiro deveria ser produzido com rigores, por meio de demonstração, seguindo os princípios da Matemática.

O método científico clássico, segundo Richardson (1999), sempre é caracterizado pela observação da realidade que leva à:

- ▼ Formulação de um problema;
- ▼ Buscar informações sobre esses
- ▼ Levantar hipóteses;
- ▼ Predizer o resultado do teste das
- ▼ Preceder à experimentação;
- ▼ Aceitar as hipóteses;
- ▼ Ou rejeitar as hipóteses.

Há vários métodos científicos: indutivo, dedutivo, experimental, fenomenológico. De acordo com Gil (1999) os métodos proporcionam as bases lógicas da investigação científica. Os diversos métodos são vinculados às correntes filosóficas "*que se propõem a explicar como se processa o conhecimento da realidade*" (p. 27).

Neste módulo introdutório, não se pretende uma revisão de correntes filosóficas (em cursos mais extensos, como os de mestrado, essas correntes são normalmente apresentadas em

disciplinas específicas sobre metodologia científica, que abordam a filosofia e epistemologia da ciência¹).

Entendemos que o aprendiz que pretende desenvolver um projeto de pesquisa, uma monografia ou artigo científico terá que buscar muitos subsídios para essa tarefa. Essa preparação envolve leitura tanto sobre o tema a ser investigado quanto sobre a metodologia de pesquisa a ser utilizada. Para uma leitura mais aprofundada em métodos de pesquisa, consulte a bibliografia que se encontra ao final deste módulo e alguns dos livros e/ou sites na Internet apresentados no quadro a seguir.

Quadro 01. Fontes iniciais para leitura aprofundada



Métodos de pesquisa em ciência do comportamento:

http://pesqcomp.notlong.com/

Métodos de pesquisa em administração:
--

http://pesqadmin.notlong.com/

http://pesqadmin2.notlong.com/

Métodos de pesquisa em psicologia organizacional:
--

http://pesqpsiorg.notlong.com/

Métodos de pesquisa em novas tecnologias:
--

http://pesqnovatec1.notlong.com/

http://www.empresario.com.br/livros/livros.html

Métodos de pesquisa em marketing:
--

http://pesqmarketing.notlong.com/

¹ Ver GLOSSÁRIO se precisar refrescar a definição de epistemologia.

3.1 Métodos, técnicas e metodologia

Cada um desses métodos tem procedimentos metodológicos próprios. Eis um ponto de grande confusão: método é o mesmo que metodologia? Não! Enquanto método é o caminho percorrido pelo pesquisador com o intuito de alcançar os objetivos do estudo, a metodologia diz respeito aos procedimentos e técnicas utilizadas pelo método.

Laville e Dionne (1999) apresentam três definições importantes para compreender melhor a terminologia que às vezes nos confunde:

Método: *"Conjunto dos princípios e dos procedimentos aplicados pela mente para construir, de modo ordenado e seguro, saberes válidos"* (p. 335);

Metodologia: *"Estudo dos princípios e dos métodos de pesquisa"* (ibid);

Técnica de pesquisa: *"Procedimento empregado para recolher dados de pesquisa ou para analisá-los. Tem técnicas de coleta e técnicas de análise de informações"* (ibid).

Portanto, a entrevista, o questionário, a análise de conteúdo, a história de vida e a história oral são procedimentos técnicos, e não métodos.

Como o pesquisador define o método e a metodologia que vai utilizar no estudo que se propõe a realizar? Essa escolha depende, principalmente, do fenômeno que será investigado.

O método científico deve ser usado em estudos em qualquer âmbito, mas os procedimentos por ele utilizados devem ser compatíveis com o objeto de estudo. Seria complicado medir o comportamento humano da mesma maneira que se mede o comportamento da matéria. Isso porque os fenômenos sociais envolvem pessoas. E as pessoas estão em constante mudança, pois são dotadas de consciência e de subjetividade. Assim, nem sempre é possível submeter o comportamento humano a situações de experiência e controle, por exemplo.

No entanto, apesar da diferença nada básica entre pessoas e plantas ou pessoas e trovões, até poucas décadas atrás, as Ciências Sociais usavam métodos com os mesmos procedimentos do método científico concebido por Descartes, ou seja, seguindo os rigores da Matemática.

Quando perceberam a inadequação, os cientistas enxergaram a necessidade de estudar os fenômenos sociais com métodos cujos procedimentos fossem mais adequados a analisá-los. Lógico, a escolha do tema, do método e da metodologia está condicionada aos pressupostos filosóficos que baseiam a visão que o pesquisador tem do mundo e a interpretação que dá a ele, dos quais lança mão para estudar os fenômenos.

No caso das Ciências Humanas, as principais abordagens constituem-se em "*quadros de referência, subordinando outras teorias e sugerindo normas de procedimentos científicos*", chegando, segundo Gil (1999), a serem designadas como

métodos (p. 36). Os principais referenciais citados por Gil são funcionalismo, estruturalismo, materialismo histórico e etnometodologia. Outros autores vão falar do método dialético.

Podemos também rotular esses referenciais como perspectivas. Ao mesmo tempo em que são importantes para diferenciar entre as posturas e correntes de pensamento, não é essencial construir os nossos projetos de pesquisa unicamente em função delas.

3.2 Autonomia do pesquisador



Algumas escolas de pensamento delimitaram estritamente os procedimentos científicos (especificação do problema, do método e das técnicas de coleta de dados). Hoje há mais flexibilidade na organização da pesquisa científica. Na pós-graduação *lato sensu*, como é caso dos cursos **ESAB**, não é requisito estabelecer uma 'linha' única de pensamento na monografia ou artigo ou uma 'técnica' única de coleta de dados.

Os aprendizes são estimulados a:

- ▼ Expressar a base de seu pensamento, seus pressupostos teóricos e filosóficos;
- ▼ Seguir métodos científicos válidos;
- ▼ Estabelecer um referencial teórico e claro;
- ▼ Ser transparente em relação aos seus valores pessoais em toda a sua comunicação científica.

Para uma leitura mais avançada sobre métodos e metodologia científica, ver Lakatos e Marconi (1991); Severino (1996); Laville e Dionne (1999); Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1998).

CAPÍTULO 4

4. Classificação dos trabalhos científicos



O produto da ciência é o conhecimento, que se constrói pela realização de trabalhos científicos. Há vários tipos de trabalhos científicos: artigos, trabalhos de conclusão de curso (TCC) ou monografias, dissertações e teses.

Cada uma dessas produções está associada a um nível educacional, com exceção do artigo também chamado de *paper*, que pode ser produzido por estudantes de vários níveis de ensino ou por pesquisadores independentes.

TCC e monografia são termos usados como sinônimos. Enquanto TCC é a denominação dada aos trabalhos realizados por alunos que estão concluindo a graduação, a monografia é elaborada como um pré-requisito para a obtenção do título em cursos de pós-graduação *lato sensu*. Há cursos de graduação, porém, que também exigem monografias.

Já a dissertação e a tese são elaboradas por alunos de mestrado e doutorado, respectivamente.

O formato de apresentação desses trabalhos é estabelecido pela **Norma NBR 14724**, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (**ABNT**), que apresenta a definição de cada um deles:

1. Monografia: o conceito está ligado à origem etimológica do termo: *mónos* (um só) e *graphein* (escrever). Assim, significa que nela o pesquisador aborda um só assunto, ou seja, escreve a respeito de um assunto único. Por isso, a monografia relaciona-se mais à assimilação de conteúdos, servindo como um ponto de partida para a prática em pesquisa.

2. Dissertação: estudo no qual o pesquisador reúne, analisa e interpreta informações a respeito de um fenômeno, mostrando domínio de conhecimento a respeito do que já foi dito sobre ele.

3. Tese: a principal característica deste tipo de trabalho científico é a originalidade na investigação. Por isso mesmo, constitui-se em real contribuição para o conhecimento da ciência com relação ao fenômeno estudado.

Em resumo, o artigo científico é uma produção científica que desenvolve um tema específico. Muitas vezes, um artigo elabora uma reflexão sobre textos e os resultados de pesquisas recentes numa certa área de conhecimento. A monografia é mais detalhada, mas não é a quantidade de páginas que a difere do artigo.

A monografia focaliza um único assunto uma discussão sucinta. A discussão é resultado de um referencial de conceitos e teorias e, muitas vezes, envolve a coleta de dados empíricos. A monografia pode ser um ensaio teórico, discursivo, sobre o seu tema. Pode, também, ser o resultado de uma pesquisa de campo, dependendo do tempo, dos recursos e a intenção do investigador.



DICA!

Ao longo dos módulos, o aprendiz pode ir organizando suas idéias sobre possíveis temas de interesse para a monografia ou o artigo. A Internet é um recurso incrível para explorar suas idéias. Torna-se pesquisador quem começa investigar e registrar essas idéias. Torna-se cientista quem sistematiza sua investigação e comunica seus resultados no formato padronizado da ciência.

CAPÍTULO 5

5. Por que e pra que pesquisar?

Se você está matriculado em um curso de pós-graduação ou de qualificação plena, é possível que já tenha se perguntado



algumas vezes: por que tenho que desenvolver um trabalho científico ao final desse curso?

Um dos objetivos da educação é desenvolver nas pessoas o senso crítico, estimulando nelas o desejo da descoberta. Em outras palavras, é preciso formar profissionais que possam procurar respostas para os desafios que nos são impostos cotidianamente. O trabalho científico é também uma mostra da aprendizagem adquirida pelo aluno e a produção coletiva do curso ou instituição é um indicador de sua qualidade.

Além disso, a pesquisa ou a produção científica tem sido um dos índices para medir o grau de desenvolvimento de um país. Infelizmente, o Brasil ocupa posição bem distante da ideal. De acordo com relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas (**ONU**), em 2000, entre 72 países, o Brasil estava em 43º lugar no Índice de Desenvolvimento Tecnológico.

O mesmo órgão apontava duas patentes por milhão de habitantes, enquanto a Argentina tinha oito e a Coréia do Sul, 779. Isso faz com que o Brasil tenha que fazer altos investimentos no licenciamento de uso de inovações tecnológicas inventadas por outros países.

O fato de o Ministério de Educação e Cultura (**MEC**) estabelecer que a disciplina Metodologia da Pesquisa Científica faça parte dos currículos dos cursos de graduação e de pós-graduação representa um incentivo aos estudantes a se desenvolverem como profissionais da ciência.

Além de uma nota que te possibilite obter o título, o mais importante é que você enxergue a preparação do trabalho científico como uma oportunidade de pôr em prática seu lado de pesquisador, podendo, assim, contribuir para a construção do saber científico.



EXERCÍCIO 01

COMPLETE O PRIMEIRO EXERCÍCIO ANTES DE CONTINUAR NO CAPÍTULO 6.

CAPÍTULO 6

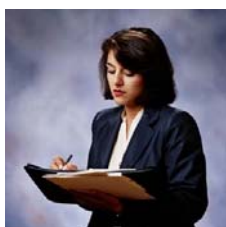
6. Elaboração da pesquisa científica



Elaborar um trabalho científico – como se classificam o artigo e a monografia que você, dependendo do curso, deverá preparar – requer uma preparação por parte do pesquisador.

Estamos falando, portanto, do **planejamento da pesquisa**. Toda pesquisa precisa ser planejada. Esse planejamento é mostrado em um documento chamado projeto de pesquisa.

6.1 Planejamento da pesquisa: escrevendo o projeto



Em geral na pós-graduação, antes de executar uma pesquisa, o pesquisador elabora um projeto de estudos, que é entregue ao orientador, para que, em conjunto, possam discutir a melhor forma de executar a pesquisa, fase em que os dados são coletados para, posteriormente, serem analisados.

No projeto, o pesquisador informa o que vai estudar, o que pretende alcançar com seu estudo, as razões que o levaram a querer desenvolvê-lo, o que já foi dito sobre o que ele pretende estudar e de que maneira o estudo será desenvolvido.



Dica:

Nos cursos *lato sensu* e de MBA da **ESAB** são oferecidas duas atividades: **Monografia 1** e **Monografia 2**. Na **Monografia 1**, o aluno desenvolve o seu projeto e o submete ao tutor responsável pela atividade. Quando aceito o projeto, o aluno avança para a atividade **Monografia 2** e recebe um tutor orientador designado pelo Departamento Acadêmico. Alunos matriculados nos cursos que exigem artigo científico não têm orientador designado e recebem instruções para tirar as suas dúvidas sobre essa produção.

Vamos analisar as etapas de realização da pesquisa científica, então!

6.1.1 Definindo o problema de pesquisa



O primeiro passo é definir o que vai pesquisar. Isso significa encontrar o que chamamos problema de pesquisa. No caso da pesquisa científica, o problema não está ligado a coisas negativas. Pelo contrário, se o pesquisador tem um problema, já andou meio caminho, podemos dizer.

Assim, todo pesquisador precisa ter um problema de pesquisa. E é justamente o problema que o torna um pesquisador. Sem problema não há pesquisa. Problema está relacionado a dúvida. E se não temos dúvidas, pra que pesquisar?

Em geral, os pesquisadores iniciantes confundem alguns pontos ao definir o problema de pesquisa. Quando se pergunta a um

deles sobre o que trata sua monografia, em geral, a resposta que se recebe está mais relacionada à área ou ao tema, não se constituindo, portanto, um problema. Pra clarear isso, vamos a alguns exemplos:

Uma aluna de pós-graduação *lato sensu* em Comunicação Empresarial diz que sua monografia será sobre a comunicação no setor de mármore e granito em determinado local. O que temos aqui é o assunto que ela vai tratar, não é o problema.

O problema de pesquisa é a pergunta a que o pesquisador busca responder durante a execução da pesquisa. E é a partir do assunto ou tema que ele define essa pergunta. No exemplo que acabamos de ver, a pesquisadora pode ter algumas dúvidas, que podem ser problemas de pesquisa. Por exemplo:

- Qual a percepção dos empresários do setor de mármore sobre o uso das ferramentas de comunicação e divulgação?
- Quais as informações recebidas pela população local sobre o setor de mármore e de que forma são recebidas?
- Qual a opinião da sociedade local sobre os impactos da extração de mármore sobre o meio ambiente e a zona rural?

Essas perguntas podem ser consideradas os problemas de pesquisa. É porque busca respondê-las que a pesquisadora realiza uma pesquisa e, ao final, espera, de fato, encontrar a resposta. É em função do problema que o pesquisador define como vai executar cada uma das etapas da pesquisa. Mas, como definir o que se quer pesquisar?

Pelo exemplo dado, podemos observar que a definição de um problema de pesquisa parte do macro (fenômeno, assunto, tema) para o micro. Portanto, para chegar ao problema de pesquisa, é preciso refletir de forma esmiuçada.

Booth et al (2000, p. 57) mostram um esquema que pode ser útil na hora de definir o problema de pesquisa que você pretende responder em sua monografia.

<p>1) <i>Especifique seu tópico:</i> Estou estudando_____</p> <p>2) <i>Formule sua pergunta:</i> porque quero descobrir quem/como/por que_____</p> <p>3) <i>Estabeleça o fundamento lógico</i> para a pergunta e o projeto: para entender como/por que/o que_____</p>
--

É um esquema que você pode e deve exercitar, pois vai ajudá-lo a encontrar seu problema de pesquisa! Os autores sugerem que o pesquisador continue utilizando-o também durante a realização da pesquisa, para que tenha clareza do ponto em que se encontra, o que facilita que se mantenha no rumo que traçou para si.

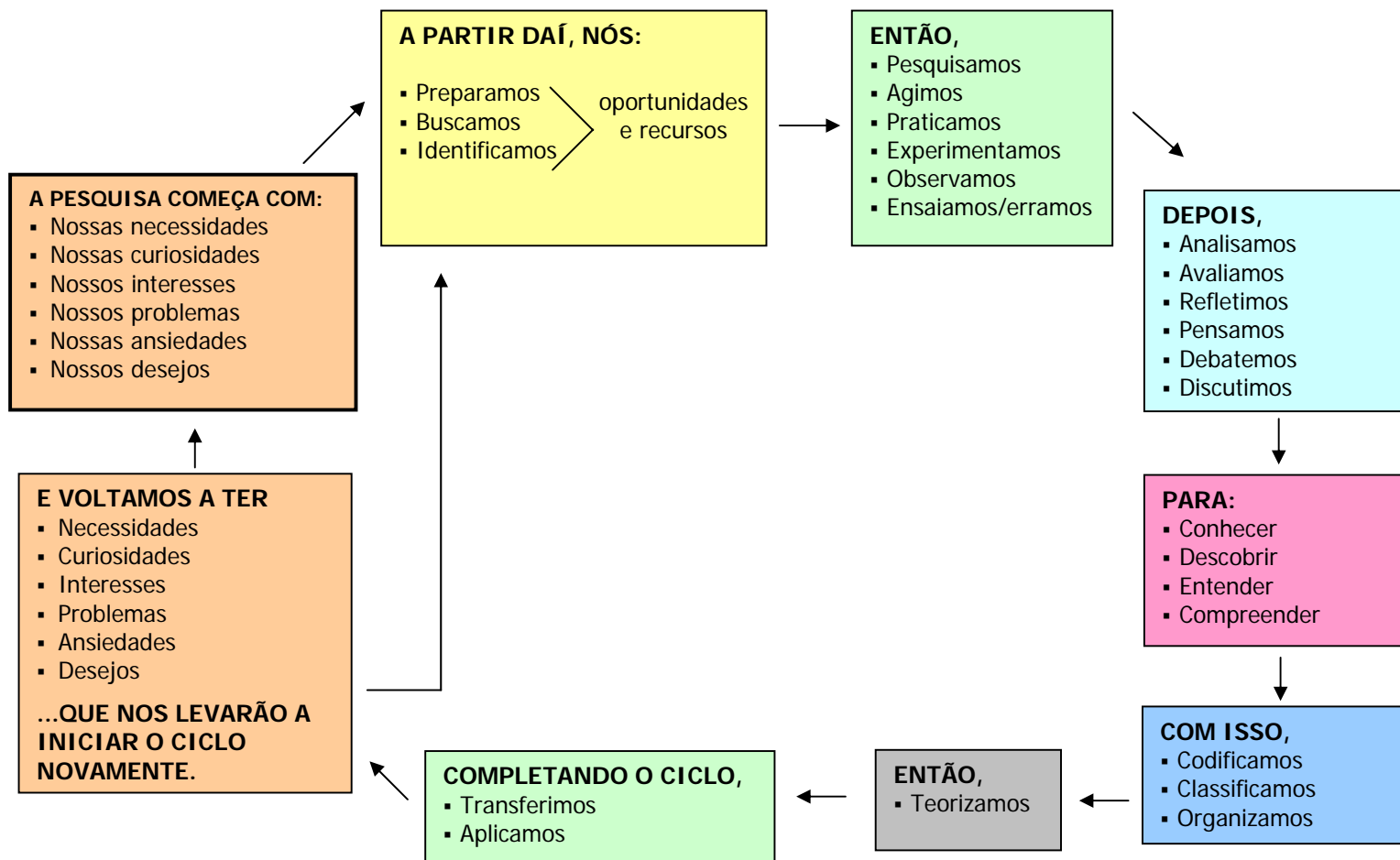
Pensando bem, o esquema acima não representa novidade pra você, que, inconscientemente, já deve tê-lo usado vários vezes ao tentar resolver problemas no seu dia-a-dia.

Booth et al (2000) afirmam que os problemas do dia-a-dia podem suscitar problemas de pesquisa, porque nos fazem questionar algo que ainda não sabemos e que poderíamos solucioná-lo. Quando não sabemos algo, temos um problema de pesquisa, que precisa ser investigado, ajudando, dessa forma, a resolver os problemas do nosso cotidiano.

A pesquisa, portanto, faz parte da nossa vida, o tempo todo. Quando falamos de teoria e de conhecimento, estamos nos referindo a algo que não conhecemos e, por isso mesmo, estamos alienados em relação a esse fenômeno desconhecido.

Não pense que a pesquisa que você deverá desenvolver na sua monografia está num âmbito externo, bem distante de você. Na verdade, os procedimentos que executamos ao longo da pesquisa têm mais a ver conosco do que imaginamos. O esquema a seguir mostra isso.

Figura 01. Ciclo de aprendizagem vivencial².



² Apresentado por Doxsey, durante a aula da disciplina Metodologia de Pesquisa Educacional, no Programa de Pós-Graduação em Educação, UFES, Vitória, ES, em 13/05/2003.

É importante ressaltar que esse ciclo não ocorre da mesma maneira com todas as pessoas. Isso quer dizer que, para alguns, o desejo de pesquisar pode se iniciar, por exemplo, durante a reflexão sobre determinado assunto ou quando se está executando determinada ação. Para muitos alunos a necessidade é consequência de um pré-requisito de um curso – escrever uma monografia ou artigo científico.

O que importa é que o pesquisador se reconheça nesse ciclo, saiba em que posição se encontra. Outro ponto interessante de se destacar é que, pela nossa capacidade de discernimento, podemos retornar a alguma etapa, se percebermos que algo na execução da pesquisa não nos levará aonde pretendemos chegar.

6.1.2 Definindo o objetivo da pesquisa



Uma vez definido o problema de pesquisa, você já sabe qual é o objetivo da sua pesquisa. Se o problema de pesquisa é “qual a percepção dos empresários do setor de rochas e granitos sobre a utilidade das ferramentas de comunicação na divulgação de suas empresas?”, o objetivo do pesquisador é “conhecer a percepção dos empresários do setor de rochas e granitos sobre a utilidade das ferramentas de comunicação na divulgação de suas empresas”.

Quase a mesma coisa, não é? Quase! A mudança principal é a palavra *conhecer*, um verbo. Enquanto o problema de pesquisa é apresentado em forma de pergunta, o objetivo é apresentado com um verbo.

Exemplo:

Problema da pesquisa: Quais os efeitos da urbanização da orla da Poligonal 11 – Projeto Terra – Vitória, ES na percepção ambiental da população residente?

Objetivo geral da pesquisa: Examinar a percepção e atitudes da população residente em relação aos processos de urbanização do Projeto Terra, a recuperação e a preservação do manguezal e dos ecossistemas adjacentes à comunidade.

Para facilitar a execução de seu trabalho, o pesquisador define também objetivos específicos para a pesquisa. Os objetivos específicos dizem o que o pesquisador terá de fazer para alcançar o objetivo principal ou geral da pesquisa. Vejamos.

Objetivo geral: Identificar a percepção dos empresários do setor de rochas ornamentais capixaba sobre a importância do uso das ferramentas de comunicação na divulgação da imagem institucional

Objetivos específicos:

- Levantar as ferramentas de comunicação já utilizadas pelo setor;
- Analisar a influência do modelo de gestão utilizado nessas empresas no nível de valorização das ferramentas de comunicação.

Em outras palavras, para identificar a percepção dos empresários em relação ao uso das ferramentas de comunicação, o primeiro passo do pesquisador é identificar quais as ferramentas usadas pelas empresas do setor.

Em geral, as empresas que utilizam um modelo moderno de gestão reconhecem a importância da comunicação institucional. Se o pesquisador tem informações sobre o modelo de gestão adotado pelas empresas do setor investigado, é possível fazer uma análise de como esse modelo influencia o nível de valorização das ferramentas de comunicação.

Veja que quanto mais informações o pesquisador tem a respeito do assunto, poderá encontrar mais facilmente a resposta para o problema da pesquisa. Por isso, a leitura é um hábito fundamental.

6.1.2.1 O objetivo determina o caráter da pesquisa

O objetivo geral da pesquisa, como foi dito, esclarece o que se pretende alcançar com a investigação. Explicita, também, o caráter da pesquisa: exploratório, descritivo ou explicativo. Vejamos as características de cada uma delas.

- a) **Pesquisas exploratórias:** buscam uma aproximação com o fenômeno, pelo levantamento de informações que o poderão levar o pesquisador a conhecer mais a seu respeito.
- b) **Pesquisas descritivas:** realizadas com o intuito de descrever as características do fenômeno.

c) **Pesquisas explicativas:** ao realizar um estudo dessa natureza, o pesquisador procura explicar causas e conseqüências da ocorrência do fenômeno.

O caráter da pesquisa influencia todo o desenvolvimento da pesquisa, a começar pela maneira como o pesquisador determina os objetivos de sua investigação.



DICA:

Você já sabe que escreve um objetivo começando com um verbo. Porém, que verbo usar? Richardson dá a seguinte orientação:

“Usualmente, em uma pesquisa exploratória o objetivo geral começa pelos verbos: conhecer, identificar, examinar, levantar e descobrir; em uma pesquisa descritiva, inicia com os verbos caracterizar, descrever e traçar; e em uma pesquisa explicativa, começa pelos verbos analisar, avaliar, verificar, explicar etc.” (1999, p. 63).

6.1.2.2 O pesquisador iniciante mais explora do que explica

Pesquisadores iniciantes, como é o caso dos estudantes de graduação e de pós-graduação *lato sensu*, geralmente realizam pesquisas de caráter exploratório. Gil (1994) esclarece que a exploração do fenômeno tem como objetivos desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias.

Esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando há poucas informações disponíveis sobre o tema ao qual se relaciona o objeto de estudo. Justamente pelo escasso

conhecimento do assunto, o planejamento é flexível, de forma que os vários aspectos relativos ao fato possam ser considerados. A escassez de informações tornar difícil a formulação de hipóteses, como requerem as pesquisas descritivas e explicativas.

Na verdade, é sobre as pesquisas científicas que descrevem e explicam os fenômenos que você mais ouve falar. Elas são executadas com muita frequência por que pesquisadores da área de saúde. Eles realizam experimentos, acompanham pacientes por anos, medindo taxas para que, ao final do estudo, possam encontrar as respostas e relações que procuram.

Bons trabalhos científicos muitas vezes são trabalhos simples. Pesquisadores iniciantes não precisam confeccionar projetos complicados ou ficar imobilizado pela mistificação desnecessária da pesquisa. É importante ter foco no problema a ser estudado, traçar um plano executável com os recursos e tempo disponível e usar procedimentos adequados para a proposta.

6.2 Justificando a importância da pesquisa



Nenhum pesquisador acorda pela manhã e diz “Ah, vou pesquisar sobre tal problema!”, assim, sem mais nem menos. A pesquisa científica gira em torno de uma dúvida, em torno de questões que nos inquietam e que, por isso mesmo, gostaríamos de ter respostas para elas. Assim, se um

pesquisador procura respostas para determinado problema, esse problema surge em decorrência de uma motivação, um interesse, um desejo pessoal. Pesquisamos apenas aquilo que consideramos importante para nós, para a humanidade ou para a nossa área de conhecimento.

Os pesquisadores que se dedicam a entender o fenômeno da evasão escolar, por exemplo, o fazem porque as respostas que pretendem encontrar poderão auxiliar na definição de programas que contribuam para manter o aluno na escola. O índice de desenvolvimento de um país se mede também pela escolaridade de sua população, daí ser importante que um maior número esteja matriculado e freqüentando a escola.

Ao escrever o projeto de sua monografia ou artigo, você deverá explicitar os motivos pessoais que o levaram a trabalhar com o problema de pesquisa que definiu para si. Em seguida, apresentará o problema de pesquisa, apontando a importância da realização de tal estudo, mas não apenas para você. O que realmente constrói uma justificativa são os argumentos que substanciam o esforço para compreender melhor os fenômenos e suas interações. Neste sentido, estamos contribuindo para a construção do saber e o avanço do conhecimento!

6.3 Fundamentação teórica e sua organização

Uma vez definida a problemática da pesquisa e o motivo que o levam a pesquisá-la, o pesquisador levanta informações a respeito de tal problema e como ele pode ser explicado.

Procuramos as explicações já existentes e as tentativas de buscar um entendimento mais sistematizado sobre o problema, suas possíveis causas e seus efeitos – nas pessoas, nas instituições e na sociedade.

Deve perguntar-se em que contexto o problema surgiu e como se encontra inserido, levantando o seu contexto e suas características sociais, culturais e ambientais. É importante perguntar-se, ainda, quais as idéias, os conceitos, construtos, hipóteses e teorias que contribuem para entender esse problema. Opa! Estamos falando sobre a fundamentação, quadro ou referencial teórico de uma pesquisa!

Na fundamentação teórica, o pesquisador dá informações sobre o que já foi produzido sobre o fenômeno que ele pretende estudar. Quando você apresenta idéias e teorias, é preciso deixar claro por que elas estão sendo citadas, no que contribuem e/ou de que forma se relacionam com o fenômeno que será investigado.

Dessa forma, é preciso identificar materiais existentes como livros, documentos, artigos, monografias, dissertações, teses. Portanto, a leitura e exploração são hábitos que devem ser cultivados pelo pesquisador. Ao analisar o material consultado, o pesquisador pode, também, apresentar questões alternativas que podem ser estudadas dentro desse referencial.

Richardson (1999) sugere uma seqüência para elaborar a fundamentação teórica de uma pesquisa científica:

1. Definir o fenômeno, apresentando algumas interpretações dadas a ele e deixando clara a conceituação que se pretende adotar ao longo da pesquisa (isso é necessário, pois, nas Ciências Humanas, alguns fenômenos são interpretados de maneira diversa, por exemplo: intimidade, autonomia, paixão);
2. Caracterizar o fenômeno, explicitando os elementos que o compõem e o que já foi dito sobre eles, apresentando também as relações do fenômeno a ser estudado com outros fenômenos;
3. Na conclusão, o pesquisador torna a fazer referências à conceituação do fenômeno e à sua caracterização e reapresenta os objetivos de sua pesquisa.

6.3.1 Organizando um quadro teórico inicial

Ajuda bastante pensar em algumas definições básicas. Se **quadro** significa uma forma que limita algo externamente e **teoria** é um conjunto de princípios fundamentais que sustentam uma explicação de um dado fenômeno, o quadro teórico de uma pesquisa é iniciado pela identificação do que sabemos sobre o problema a ser estudado.

É necessário que confirmamos se o problema já foi estudado, quando e por quem. Na fase de revisão do que já foi escrito identificamos os conhecimentos disponíveis sobre o assunto a ser investigado. Também identificamos conceitos e teorias que

ajudam a explicar o fenômeno. Assim, ao construir um quadro teórico de um estudo científico, realizamos três tarefas simultaneamente:

- a) Sistematizamos as representações (conhecimentos) que temos acerca do problema até então dispersos;
- b) Organizamos os fatos apresentados ou já verificados por outros estudos;
- c) Apresentamos as teorias e os conceitos que ajudam a explicar os fatos (DOXSEY e MUGRABI, 2003: p. 37).

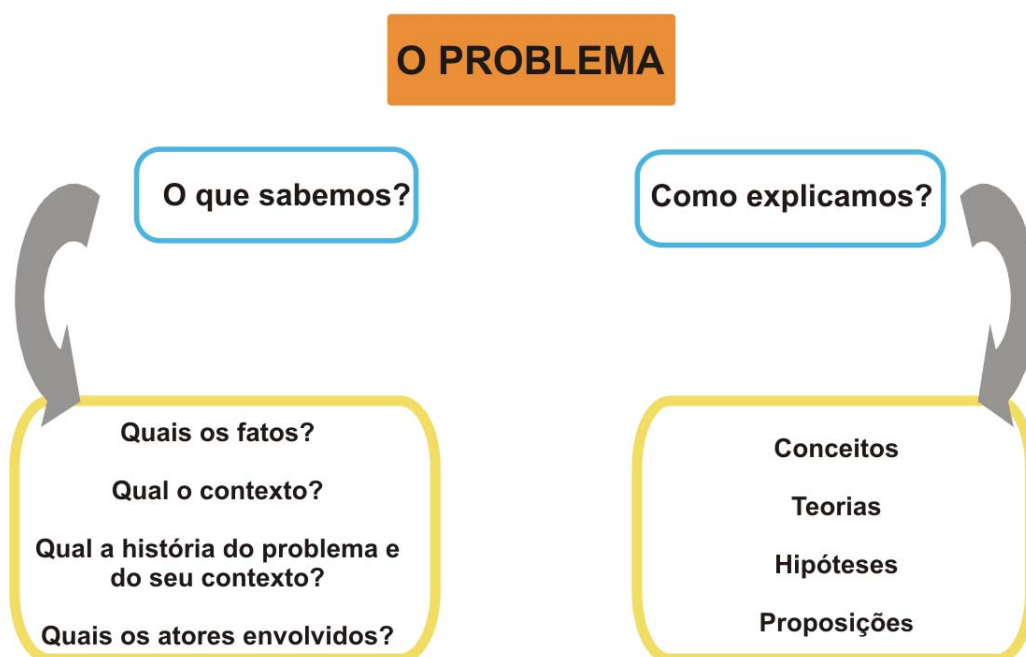
Em outras palavras, o quadro teórico é um mapa que nos guia durante toda a pesquisa. No início do estudo, antes do levantamento bibliográfico, é um quadro simples. O desafio do(a) pesquisador(a) é melhorar e detalhar seu quadro ao longo do estudo, acrescentando novos fatos e informações. Na conclusão do trabalho, voltamos a discutir o problema, as informações (dados) que coletamos a luz do quadro (mapa) que nos guiou.

O quadro seguinte é um desenho que simboliza a organização teórica inicial. É nosso referencial para a pesquisa!

Quadro 02. O quadro teórico inicial

["Clique aqui"](#) ou ["ver quadro 02"](#)

Quadro 02. O quadro teórico inicial



Quando escolhemos um problema a estudar, certamente sabemos algo sobre a situação ou contexto do problema. Esse é nosso ponto de partida. Suponha que você vai explorar o tema da evasão escolar brasileira.

O que você já sabe sobre evasão escolar? Na sua escola, na sua faculdade, no seu município, no seu Estado de residência ou no Brasil? Que documentos ou livros existem sobre evasão? Você já

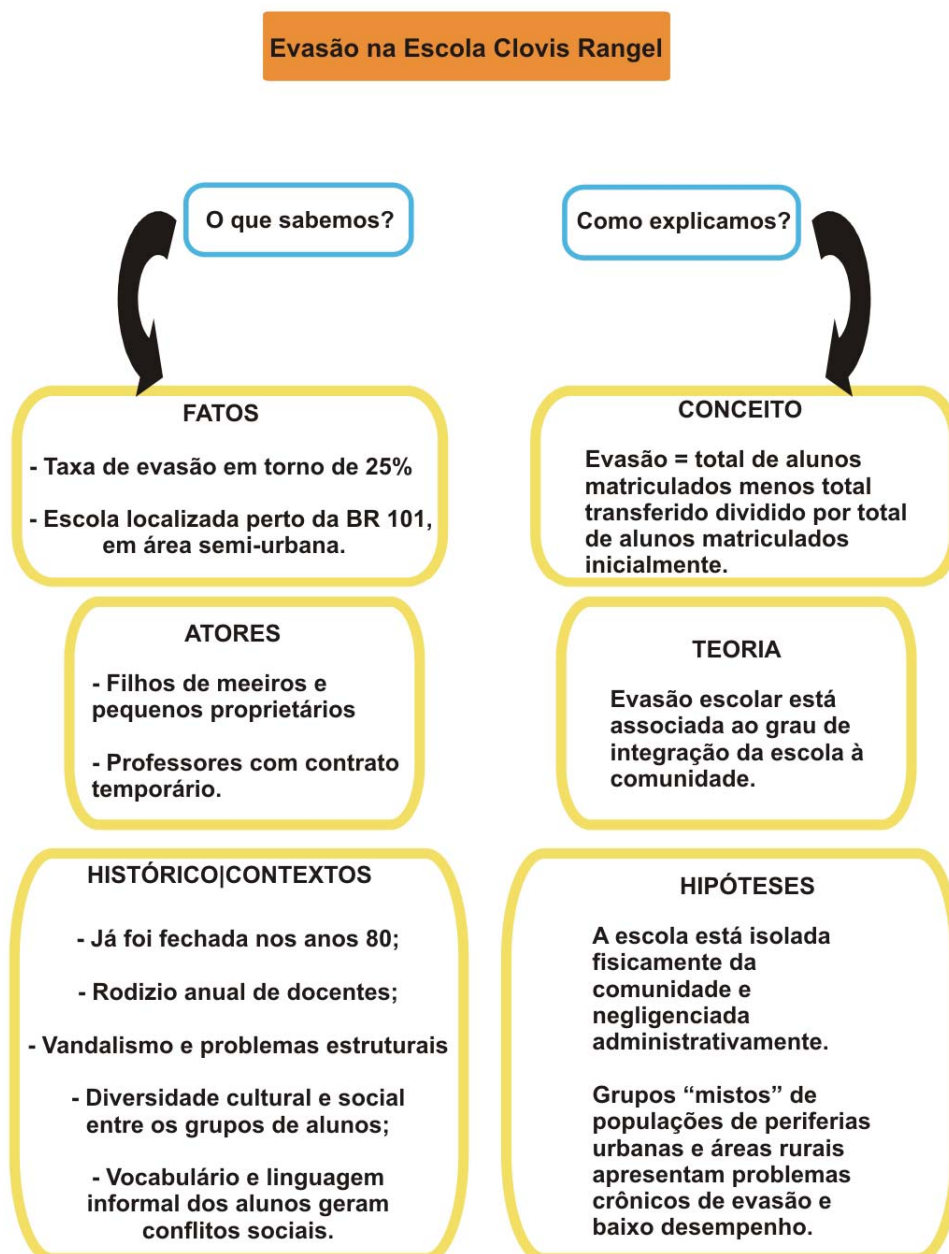
leu algum trabalho, artigo científico, livro sobre a evasão? Onde pode procurar mais referências? Que recursos humanos podem ser consultados sobre isso?

Abaixo apresentamos um esquema simples de um quadro teórico sobre a evasão numa escola específica, localizada em uma estrada federal, a BR 101, no Espírito Santo. As informações 'conhecidas' estão no lado esquerdo. No lado direito, alguns possíveis conceitos, definições, hipóteses e teorias importantes para tentar explicar a evasão dessa escola estão listados. Observa que o quadro é um referencial inicial do conhecimento atual existente sobre o problema. A pesquisa vai ser uma tentativa de documentar ou explicar melhor os fatos.

Quadro 03. Exemplo de um quadro teórico inicial

["Clique aqui"](#) ou ["ver quadro 03"](#)

Quadro 03. Exemplo de um quadro teórico inicial



Mesmo configurando informações superficiais, o quadro permite a elaboração de um mapa mais detalhado. Que outros conceitos seriam importantes para esclarecer o problema? Quais as outras teorias ou hipóteses que existem sobre evasão? É óbvio que há necessidade para trabalhar com conceitos claros e coletar dados sobre os fatos, contexto e histórico do fenômeno sob investigação.

6.3.2 Elaborando resumos e fichamentos



A pesquisa ou levantamento bibliográfico é um importante estágio na elaboração do quadro inicial. Se o pesquisador utiliza teorias e conceitos para estudar fenômenos, a leitura é um hábito que deve ser cultivado. Pela leitura, o pesquisador fica conhecendo o que outros pesquisadores e autores disseram a respeito do fenômeno que pretende estudar.

Para que você possa otimizar seu tempo, é bom que, ao ler livro, um documento ou qualquer outro material você vá levantando as informações que poderão ser úteis. Além de comentar resumidamente as idéias apresentadas, você pode, por exemplo, destacar o que o próprio autor diz sobre a obra ao apresentá-la. Pode, também, escrever destacar trechos para serem usados em citações. (Consulte um exemplo no Anexo 01.)

É preciso não esquecer de anotar as referências da obra, que devem constar do item referências bibliográficas, caso a obra venha a fazer parte do quadro teórico da pesquisa ou ser citada no texto. Mais adiante serão abordados os tipos de material que o pesquisador pode consultar, bem como a maneira correta de apresentar as referências das fontes consultadas.

6.4 Coleta de dados³



Pesquisar é conhecer a realidade. É levantar informações significativas e representativas existentes nesta realidade, às quais chamamos “dados”. Às vezes esses dados – atributos e características das pessoas e dos fenômenos que elegemos estudar – podem ser observados, contados, medidos diretamente. São informações **tangíveis**. Outras vezes, não. Muitos fenômenos que interessam ao educador, e ao cientista não podem ser medidos ou observados diretamente.

Nas Ciências Humanas, precisamos estimular respostas, questionar e observar para produzir os nossos dados. Esses dados, então, são examinados para que possamos lhes atribuir significados. Interpretamos e analisamos as informações coletadas para discernir **padrões de respostas, tendências e associações**.

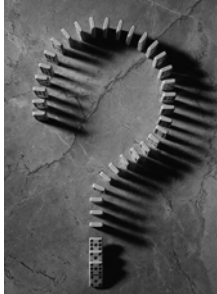
³ Esse texto foi adaptado do Fascículo 01 – Introdução à pesquisa educacional, Capítulo 3, da autoria de Doxey e Mugrabi, 2003.

É necessário, então, utilizar ferramentas que nos permitam chegar a coletar, organizar e analisar os dados. Os instrumentos são os mecanismos pelos quais organizamos e sistematizamos a coleta de informações. Para ser considerado um mecanismo adequado, confiável, o formato do instrumento precisa facilitar o registro eficiente das informações procuradas. Na coleta de dados é também necessário garantir a uniformidade de aplicação do instrumento de unidade de análise para outra, ou seja, de uma pessoa, de um grupo, de uma situação para outra. (Ver Richardson, Capítulo 11 – Confiabilidade e validade, p. 174.)

Isso significa que o instrumento de coleta (questionário, ficha de observação, roteiro de entrevista etc.) deve ser organizado de tal maneira que a forma de sua aplicação não altere a natureza dos dados registrados. Os itens e perguntas são padronizados em termos de seu formato.

É importante construir instrumentos que colem informações que correspondam à realidade pesquisada, ou seja, que os instrumentos sejam válidos, que produzam informações verdadeiras e válidas para o objetivo do estudo. Para Richardson (1999), um instrumento é válido quando mede o que deseja.

6.4.1 Resumir o que já foi dito ou ir a campo?



Ao preparar o projeto de pesquisa, um dos tópicos que devem ser incluídos é a especificação dos procedimentos metodológicos planejados para realizar o estudo. Dentre as informações que devem constar deste item está a classificação da pesquisa quanto à coleta de dados. A confusão mais freqüente entre os pesquisadores iniciantes está relacionada justamente a isso.

A grande maioria informa que vai realizar uma pesquisa do tipo bibliográfica. Se este for o tipo de pesquisa a ser realizado, significa que você vai produzir um ensaio teórico; vai ler algumas obras e, a partir disso, fazer uma síntese do pensamento dos autores consultados. A pesquisa bibliográfica utiliza, exclusivamente, a coleta de informações, conceitos e dados em livros.

O que é preciso ter claro é o seguinte: não se deve confundir a construção do quadro teórico ou referencial teórico com a pesquisa bibliográfica. Toda pesquisa tem algum tipo de referencial, que é uma revisão sistemática da literatura existente⁴. Todo pesquisador precisa consultar livros, mas essa consulta aos livros, apenas, não caracteriza a pesquisa como

⁴ Obras, textos, artigos, informação de sites da Internet, dissertações, teses, monografias, relatórios técnicos, revistas científicas, resenhas, cartas, documentos escritos etc., publicados ou não.

bibliográfica. **Mais uma vez: uma pesquisa bibliográfica é aquela em que os dados apresentados provêm apenas de livros.**

No entanto, você pode escolher um outro caminho para coletar os dados: a pesquisa de campo. Nela, segundo a definição de Gil (2002), "*(...) o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido, ele mesmo, uma experiência direta com a situação de estudo*" (p. 53).

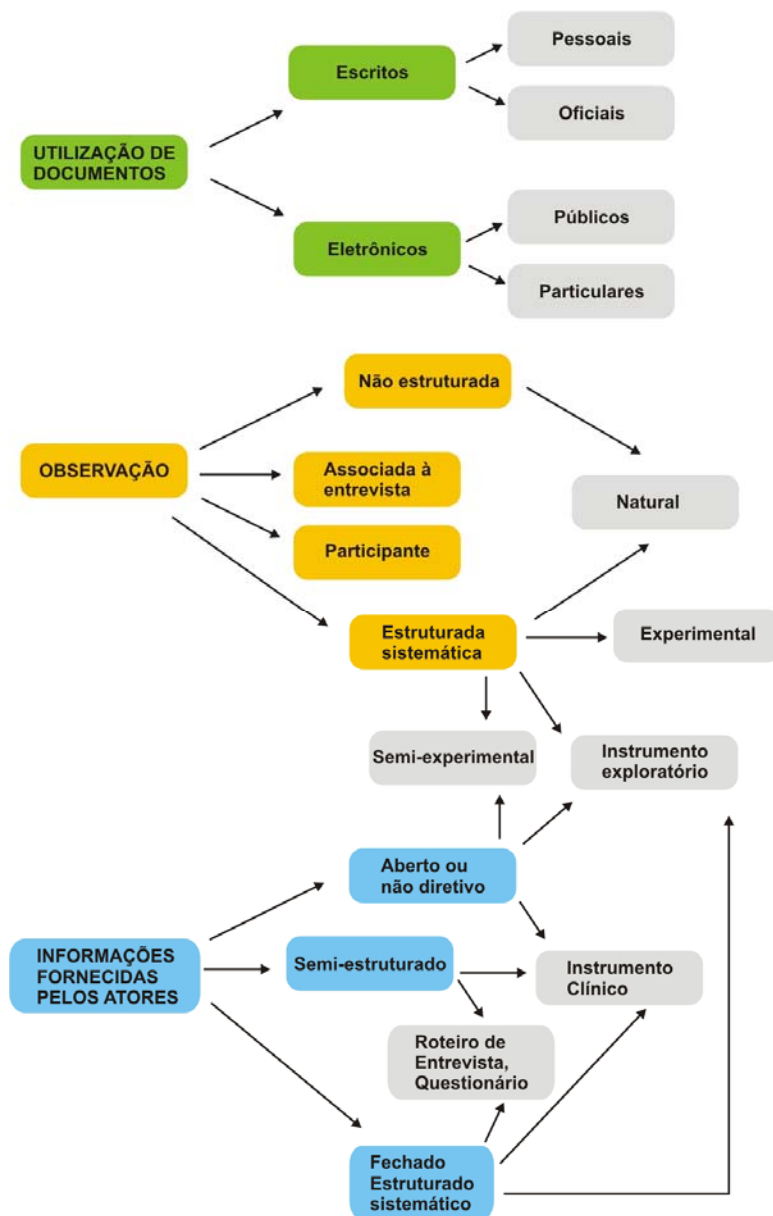
Este "outro caminho" se trata de um estudo empírico, no qual o pesquisador sai a campo para conhecer determinada realidade, no interior da qual, usando os instrumentos e técnicas já especificados, coleta dados para sua pesquisa.

O quadro a seguir mostra a complexidade de métodos de coleta de dados. A escolha de um método específico depende principalmente do objeto do estudo, mas o fator tempo e a necessidade para usar um ou vários métodos em conjunto influenciam a seleção. Pesquisadores iniciantes não precisam ter domínio ou conhecimento de todos os métodos apresentados no quadro, mas é importante saber da abrangência de possibilidades disponíveis.

Quadro 04. Métodos de coleta de dados⁵

["Clique aqui"](#) ou ["ver quadro 04"](#)

Quadro 04. Método de coleta de dados⁴



⁴ Adaptação da figura 6.1 contandriopoulos (et. Ali.), 1997, p.73

Alguns tipos de estudo usam mais do que um método ou técnica de coleta de dados. O bom estudo de caso exige a utilização de documentos, de observação e da coleta de informações diretamente com os principais atores envolvidos no problema. No entanto, o pesquisador pode optar por um método único, por exemplo, a observação participante, para explorar um problema menos pesquisado.

Em resumo, há conexões lógicas e metodológicas entre o tipo de pesquisa, os métodos e procedimentos selecionados e os próprios objetivos. Em geral, para quem está iniciando, saber que o elenco de métodos é grande, raramente tranquiliza ou resolve o problema da escolha. Para alguns autores o método utilizado define o tipo de pesquisa. Richardson, por exemplo, sugere uma tipologia bastante simples (p. 326):

1. Pesquisas históricas;
2. Pesquisas exploratórias;
3. Pesquisas descritivas;
4. Pesquisas explicativas:
 - Enquetes (levantamentos de opinião);
 - Experimentos;
 - Quase experimentos;
 - Estudos de caso
5. Pesquisa-ação.

Como se pode ver, o tipo de pesquisa, então, é apenas um rótulo que se usa para diferenciar entre métodos e as técnicas principais. No quadro a seguir, são enumerados alguns tipos de pesquisa com suas respectivas características e principais formas de coleta de dados.

Quadro 05. Especificação de tipo de pesquisa, métodos e principais formas de coleta de dados

TIPOS DE PESQUISA		
MÉTODOS	OBJETIVOS	COLETA DE DADOS
Histórico	Reconstruir, sistematizar acontecimentos para explicar fatos e tendências atuais.	Análise documental
Exploratório	Conhecer melhor as características e padrões existentes em um fenômeno, para postular associações e explicar as condições, causas e conseqüências.	Observação Informação dos atores
Descritivo	Descrever de forma holística, detalhada e sistemática os elementos, atributos, contexto, condições, tendências de um fenômeno ou área de interesse.	Observação Informação dos atores
Métodos Explicativos		
Enquetes	Levantamento e registro de comportamento verbal para investigar relações de causa-efeito e associações entre fenômenos, geralmente em amostras de sujeitos selecionados do universo maior da população.	Informação dos atores
Experimentos	Investigação das possíveis relações de causa-efeito, submetendo grupo experimental a tratamento, intervenção, e comparando com outro(s) grupo(s) que não sofreram a intervenção (grupo de controle).	Observação Informação dos atores
Quase experimentos	Investigação de relações de causa-efeito com grupo sob intervenção sem grupo de controle, ou comparando fatores 1) no mesmo grupo antes e após tratamento ou experiência; ou 2) em grupos semelhantes.	Observação Informação dos atores
Estudos de caso	Exploração intensiva que investiga fenômeno atual (individual ou coletiva) detalhadamente e holisticamente dentro de seu contexto de realidade.	Análise documental Observação Informação dos atores
Pesquisa-ação	Estudo participativo dos sujeitos da pesquisa em todas as etapas, com engajamento pleno do pesquisador em clarificar métodos e uso prático dos resultados.	Análise documental Observação Informação dos atores

Quadro adaptado de Richardson (1999: p. 326-327).

6.4.2 Fazendo a sua escolha



Diante dessas opções, você precisa decidir por um destes dois caminhos: se sua monografia será exclusivamente uma análise de pensamentos e idéias já apresentados ou se é no campo que você vai buscar a resposta para o seu problema de pesquisa.

Nessa escolha, é importante ressaltar que a monografia, para a maior parte dos alunos da pós-graduação, é a primeira oportunidade de fazer ciência. Os níveis escolares pelos quais passaram até então quase exigiam que seus estudos se baseassem em idéias, pensamentos e teorias defendidos por outras pessoas.

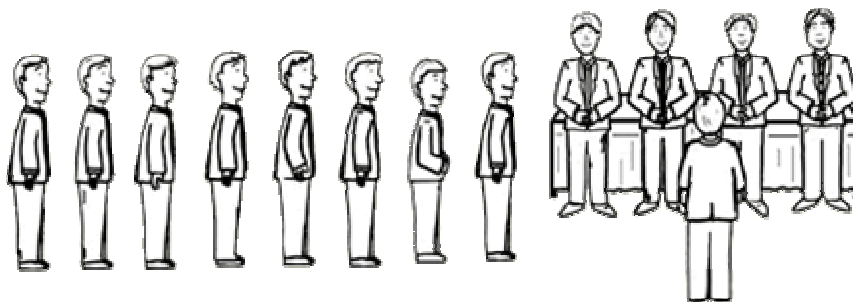
Era sempre assim: “alguém disse isso”, “fulano defendeu aquilo” e “beltrano argumentou aquilo outro...” Quantas vezes você mesmo pôde defender suas idéias, na sala de aula? Preparar sua monografia utilizando a pesquisa de campo dá a você essa possibilidade! E mais: é a oportunidade para você usar as suas idéias na construção de um discurso científico!

6.5 A unidade de análise e os sujeitos da pesquisa

Um detalhe muitas vezes omitido sobre metodologia de pesquisa é a lembrança sobre a delimitação do foco do estudo. Foco é uma questão de escolha e especificação de limites.

É essencial determinar qual será a principal fonte das informações a serem coletadas. A unidade de análise pode ser uma pessoa, um grupo, uma empresa, uma sala de aula, um município. Pode ser configurado em outro âmbito, num âmbito mais macro: um setor econômico, uma divisão de uma instituição ou uma escola.

Independentemente do âmbito da análise, precisamos saber quais os **sujeitos da pesquisa**. A escolha de quem vai ser estudado mantém uma relação estreita com dois aspectos principais: 1) até que ponto queremos **generalizar** ou concluir algo para um pequeno grupo ou para uma população maior; e 2) quantos casos, indivíduos, unidades de observação precisam ser estudados para que os resultados sejam considerados 'científicos' (DOXSEY E MUGRABI, 2005).



As técnicas de amostragem permitem reduzir o número de sujeitos numa pesquisa, sem risco de invalidar resultados ou de impossibilitar a generalização para a população como um todo.

"Nos trabalhos quantitativos, a generalização está determinada pela amostragem aleatória e pela estatística inferencial, mas essas técnicas não são relevantes para a pesquisa qualitativa" (RICHARDSON, 1999, p. 101). Apresentamos a seguir um resumo da discussão sobre amostragem.

Algumas definições de população e amostra

Lavado e Castro (2004)

*Na elaboração de um projeto de **pesquisa**, deve-se ter clara a definição dos termos "população" e "amostra". A população diz respeito a um conjunto de elementos onde, cada um deles, apresenta uma ou mais características em comum. Quando se extrai um conjunto de observações da população, ou seja, toma-se parte desta para a realização do estudo, tem-se a chamada amostra.*

*Na prática, a partir de uma amostra, pode-se fazer inferências para a população. O termo **amostragem** refere-se ao processo pelo qual se obtém uma amostra e deve ser realizada com técnicas adequadas para garantir a representatividade da população em estudo. Cabe ainda ressaltar que sempre que possível cada elemento da população deve ter igual chance de participar da amostra, evitando assim, o chamado viés de seleção. O levantamento por **amostragem** provém algumas vantagens na realização do estudo como menor custo, resultados em menor tempo, objetivos mais amplos e dados fidedignos (p. 1).*

Disponível em: <www.evidencias.com/planejamento> e <www.metodologia.org>

Mas se o seu estudo não utiliza técnicas de amostragem, uma abordagem quantitativa, quantos sujeitos ou unidades de observação são necessários? Infelizmente não existem 'regras' para responder a pergunta. Para a pesquisa qualitativa o pesquisador seleciona os sujeitos de acordo com o problema da pesquisa. Quem sabe mais sobre o problema? Quem pode validar tal informação com outro ponto de vista ou uma visão mais crítica dessa situação problemática?

O iniciante em pesquisa científica muitas vezes pensa que a pesquisa qualitativa é o caminho mais indicado para se exercitar na pesquisa porque exige um número menor de entrevistas, questionários ou observações, etc. A pesquisa quantitativa é percebida como mais complicada e demorada com um maior número de observações necessárias.

Vários fatores influenciam as decisões tomadas pelo pesquisador no planejamento de um projeto. O tamanho e a complexidade da população são os principais determinantes no tamanho e no tipo de amostra contemplado. As pesquisas qualitativas permitem maior liberdade na composição dos casos e/ou unidades a serem escolhidas.

Ao mesmo tempo em que observamos questões pragmáticas no desenho do estudo, o pesquisador deve evitar que preferências, valores pessoais ou fatores de conveniência afetem suas decisões sobre a população a ser estudada. O bom senso não é suficiente para determinar o tamanho da amostra em pesquisas quantitativas.

É necessário utilizar as fórmulas, evitando regras simplistas pelas quais o pesquisador aplica uma porcentagem X ao número total população (universo) para calcular a amostra. Via de regra, evita-se estudos quantitativos (exploratórios ou descritivos) com menos de 30 casos. Dependendo do estudo, muitas vezes, apenas um grupo será insuficiente para a pesquisa quantitativa ou qualitativa.

Por outro lado, um bom estudo de caso pode envolver uma família, uma pequena escola ou instituição. No final das contas, você, pesquisador(a), é quem determina a abrangência e especificação de seu estudo. É de suma importância, portanto, um planejamento e justificativa adequados para as estratégias adotadas em sua proposta.

6.6 Cronograma de execução da pesquisa



Depois de definir os procedimentos metodológicos que serão usados na realização da pesquisa, você pode pensar em elaborar um cronograma, informando as etapas de execução e os períodos em que cada uma delas será realizada.

Procure dimensionar o tempo de que você dispõe, de forma a não delimitar tempo a mais nem a menos para cada tarefa. O cronograma é organizado em forma de tabela, como mostra o exemplo a seguir:

ATIVIDADES	2005								2006		
	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar
Coleta de dados	■	■	■								
Análise e interpretação dos dados				■	■						
Redigir pesquisa						■	■	■	■		
Revisar pesquisa										■	
Apresentação da pesquisa											■

Tente seguir os prazos que você estabeleceu para cada tarefa. Lembre-se que você tem um prazo para terminar seu curso e o trabalho escrito. Por isso, administre o tempo de que dispõe, preferencialmente, dedicando-se todos os dias à elaboração da sua pesquisa.



DICA PARA LEITURA: A *Revista Você S/A* de março de 2002 trouxe uma reportagem interessante sobre administração do tempo.

Acesse o link http://www2.uol.com.br/vocesa/edi45/570_1.shl, no qual o texto está disponível na íntegra, e aplique as sugestões apresentadas pelo autor.

6.7 A busca pela orientação

Ao longo da execução da pesquisa, você pode sentir necessidade de acompanhamento por um professor-tutor-orientador. Os alunos matriculados nos cursos *Lato Sensu* e MBA do **ESAB** terão um tutor designado pelo Departamento Acadêmico. Alunos estudando nos demais cursos de qualificação, normalmente, não têm orientador oficial do **ESAB**, devendo encaminhar suas dúvidas à Secretaria Acadêmica da **ESAB**.

A função do orientador já está explícita: ajudar, guiar, acompanhar. Se você está realizando uma pesquisa, tem um problema de pesquisa para o qual está buscando resposta. Pode precisar, portanto, de alguém que tenha conhecimento a respeito de tal problema, de forma a poder te ajudar.

Um tutor-orientador precisa ter condições de acompanhar o aluno, entender algo sobre o que o aluno pretende pesquisar, justamente para orientá-lo nas escolhas que será necessário fazer, indicar bibliografia que poderá ajudar o orientado a entender mais sobre o tema escolhido.

É possível, portanto, que o tema do estudo seja revisto várias vezes durante o processo de orientação para ajustar o estudo ao conhecimento e experiência do orientador, para garantir que haja recursos disponíveis para facilitar o trabalho e que a abrangência da proposta seja viável no tempo previsto.

Muitos alunos esperam do orientador algo que ele não deve fazer: tomar decisões no lugar do aluno. Não espere do seu orientador aquilo que você é quem deve fazer. Você é o pesquisador – responsável pelo planejamento, pela organização, pela execução e produção do trabalho. Não é função do tutor orientador formatar o trabalho, buscar fontes ou textos ou corrigir o seu Português.

O problema de pesquisa é seu, foi definido por você, por motivos que são seus, que fazem parte da sua história. Decidir por você significa impedir que você possa construir seu caminho como pesquisador.

Na sua relação com seu orientador, procure vê-lo como um interlocutor, um mediador, alguém com quem você conversa, troca idéias. Ele/ela é alguém que, em alguns pontos, tem mais experiência que você, mas que também vai aprender com você.

Para finalizar, a qualidade da orientação nunca pode ser utilizada como desculpa ou justificativa para a qualidade do trabalho científico produzido, cujo responsável principal é o pesquisador e autor do estudo.

6.8 A execução da coleta e da análise dos dados



O cerne de uma pesquisa é o problema. E, durante a realização do estudo, o pesquisador se move no sentido de buscar respondê-lo. No projeto, o pesquisador define como vai realizar o estudo. Depois de aprovar o projeto junto a um orientador, o pesquisador começa a coletar dados, indo a campo buscar informações que possam dar essa resposta.

Na coleta de dados, o pesquisador usa os instrumentos e técnicas que informou no item 'Procedimentos metodológicos', que consta do projeto e que já foram apresentados anteriormente.

Coletados os dados, é hora de fazer a análise do que tem em mãos. Na fase de análise, o pesquisador vai verificar, entre os dados que obteve, informações tais como:

- Quais as informações que aparecem com mais frequência?
- Quais as possíveis razões para serem mais frequentes?
- Quais as informações que aparecem com menos frequência?
- Quais as possíveis razões para serem menos frequentes?

Quando faz um mapeamento dos dados obtidos durante a coleta, o pesquisador tem condições de fazer uma síntese do que possui, apresentando as tendências que percebe.

A análise dos dados é feita à luz do referencial teórico. Esta é a etapa que chamamos de revisão de literatura, cuja base é o referencial teórico. É na revisão que o pesquisador confirma suas idéias/hipóteses, propõe mudanças, convida os leitores à reflexão.

Na fase de análise, se a opção do pesquisador foi pelo método quantitativo para tratar os dados, tabelas e gráficos serão recursos amplamente utilizados para apresentar a distribuição dos dados. Quantificamos quando contamos indivíduos, ocorrências ou freqüências de ocorrências de fatos. Cabe ao pesquisador escolher os tipos de análise estatística e apresentação dos resultados no trabalho final. (Ver LAVILLE e DIONNE, **Apêndice B – Elementos de Análise Estatística**, p. 299-329, para mais exemplos e detalhes sobre quantificação.)



Consulte o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (**IBGE**), para ter uma idéia de como você poderá estruturar o tópico em que vai proceder à análise dos dados obtidos durante a coleta. O endereço é www.ibge.gov.br.

Se a escolha foi por analisar os dados com técnicas qualitativas, o tratamento dos dados será feito com o uso de técnicas como análise documental, de conteúdo ou histórica.

Cada uma dessas técnicas de análise requer procedimentos particulares, ao ser utilizada. Vários manuais de Metodologia de Pesquisa trazem informações sobre essas técnicas. Como sugestão, você pode consultar *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas* (Roberto Jarry RICHARDSON, Editora Atlas).

CAPÍTULO 7

Recomendamos um roteiro simples para alunos que preparam um projeto de pesquisa para os cursos **ESAB**. Resumindo o que foi levantado até agora: o projeto é um planejamento que detalha o que o pesquisador pretende estudar, porque e como será realizado o trabalho.

7.1 Um guia com um mínimo de pontos para um projeto de pesquisa

O guia a seguir apresenta um número mínimo de tópicos e pode orientar a elaboração de um projeto de monografia, independentemente da área de estudo. Embora o plano de estudo para a produção de um artigo científico seja menos detalhado, no caso de o autor não coletar dados empíricos, é importante organizar um projeto. Muitos dos elementos do guia podem ajudar a pensar sobre a estrutura do artigo.

Lembre-se de que uma qualidade essencial de um bom cientista é sua capacidade de autocrítica, que supõe um trabalho de revisão constante de seu trabalho e de seus planos. Você não deve hesitar em alterar qualquer elemento já produzido num projeto de acordo com a sua concepção atual da proposta, que está sempre em transformação.

Os itens sugeridos no guia podem ser respondidos e, mais tarde, transformados em um formato oficial ou padronizado de projeto. Nem sempre há uma maneira mais 'certa' ou cientificamente 'correta'. Isso explica porque há tantos livros de

metodologia de pesquisa com receitas diferentes para a elaboração de projetos. O pesquisador precisa tomar decisões durante a elaboração do projeto à medida que delimita seu estudo.

O guia é uma ferramenta importante, pois, como dissemos anteriormente, ele contém os principais elementos de um projeto de pesquisa e sua seqüência ajuda a organizar uma proposta de trabalho.

GUIA DE UM PROJETO DE PESQUISA

1. **Título:** [Simplifique usando conceitos e expressões claras. Sempre pode ser mudado ao longo do trabalho. Um bom título é sempre conciso; não entra em detalhes; provoca e atrai, por meio da síntese de idéias.]

2. **Sub-título:** [Utilize apenas para clarificar. Sub-título não é necessário. Títulos grandes podem gerar confusão.]

3. **Autor(es):** [Identifique os principais pesquisadores/as responsáveis, incluindo todos os nomes no caso de pesquisa em grupo.]

4. **Instituição:** [Instituição / unidade de vínculo / origem dos autores.]

5. **Mês e ano:** [Identifique a data inicial da proposta.]

6. **Apresentação do problema a ser investigado:** [Trata-se de um resumo da problemática (consulte o item 6.1.1)].

7. **Enumeração das questões que devem ser respondidas ou hipóteses a serem analisadas:** [Lembre-se de que a hipótese é uma proposição de resposta provisória à questão colocada e ela guia o trabalho de coleta e análise de dados.]

8. **Justificativa:** [Especifique a importância do trabalho proposto, sua relevância para seu campo de estudo e para os atores a serem pesquisados, de um ponto de vista teórico (avanço do conhecimento) e prático (impacto sobre alguma realidade atual). Use argumentos convincentes, não apenas justificando o seu *interesse pessoal* no estudo.]

9. **Contextualização do problema:** [Qual o contexto atual do problema que você pretende pesquisar? Por que este problema se manifesta assim? Sempre foi assim? Quais os fatores que contribuem para a existência deste problema? Quais dimensões/atores/processos fora do contexto imediato do problema exercem algum tipo de influência nos fenômenos sob análise?]

10. **Objetivo geral:** [Define com precisão o foco do estudo com frases curtas e diretas que comunicam claramente o objetivo principal da pesquisa – aquilo que é principal. Cuidado com os verbos! Não use “compreender”, “descrever”, “identificar” ou “elaborar”. Procure uma frase que declare o objetivo em termos dos principais fenômenos a serem investigados.]

11. **Objetivos específicos:** [Os objetivos específicos são eficientes quando delimitam os passos, as etapas e sua seqüência no decorrer da investigação. Quantos objetivos? O suficiente para focalizar as etapas do trabalho!]

12. **Quadro teórico:** [Conceitos, teorias, hipóteses e preposições. O quadro contextualiza seu objeto no debate teórico atual. A partir de que autor ou qual teoria/conceito você pretende trabalhar? Indique os recursos bibliográficos inicialmente levantados. Não precisa ser exaustivo. Especifique a abrangência do levantamento a ser sistematizado. Cuidado para não se restringir ao argumento de que “pouco existe sobre o tema”. Pesquisadores/as iniciantes necessitam de subsídios bibliográficos, principalmente conceituais para sustentar suas produções científicas iniciais.]

13. **Recursos metodológicos:** [Especifique o tipo da pesquisa, os métodos e principais técnicas de coleta e de análise dos dados. Quais as estratégias de coleta de dados? Quais os instrumentos previstos? Como pretende analisar os dados? Quais as categorias de respostas prováveis? Há possibilidade para a emergência de outras categorias?]

14. **Unidade(s) de análise:** [Qual a principal fonte das informações? Quais os sujeitos do estudo? Quem? Onde? A unidade de análise pode ser o indivíduo, a turma, a sala de aula, uma série, uma escola, um município; um trabalhador, um departamento, uma fábrica, um setor econômico. Em que nível você pretende trabalhar? No nível individual ou coletivo? Vai investigar a sala de aula ou os alunos individuais que a freqüentam? Vai comparar instituições, unidades, pessoas ou grupos? Se precisar, indique mais de uma unidade de análise no seu planejamento.]

15. **Cronograma:** [Determine a data final da sua produção e organize um calendário de atividades para realizar sua pesquisa. Cada fase ou etapa deve ser programada em função do tempo necessário para executar as tarefas indicadas. A coleta de dados pode exigir bastante tempo, mas a análise das informações coletadas e a produção do artigo/monografia é a mais trabalhosa e também demora. Deixe tempo suficiente para cada atividade. Lembre-se de que muitas tarefas são simultâneas e independem da finalização de outras. O melhor prazo é o tempo que você estabelece para você mesmo/a!]

16. **Referências:** [Organize sua bibliografia, referências e citações na formatação correta para evitar a perda de tempo.]

17. **Estrutura e formato de seu trabalho:** [Um bom projeto planeja com antecipação o formato final do relatório de pesquisa. Quais os itens e sub-itens que são essenciais para cada setor ou capítulo? Quais os títulos que você gostaria de adotar para os capítulos ou divisões principais do documento? Qual o conteúdo relevante para sua inclusão em anexo ou como apêndice? Quais as normas de apresentação que você pretende seguir? Como vai ser a formatação final, a capa, a reprodução em papel ou outra mídia?]

Fontes: Doxsey, 2004; Goldenberg, 2000; Pádua, 2000.

7.2 Critérios mínimos para a produção científica nos cursos da ESAB

Os dois roteiros abaixo estabelecem os parâmetros mínimos para o tipo de produção científica exigido nos cursos *lato sensu*, MBA e qualificação plena da **ESAB**:

ROTEIRO PARA PRODUÇÃO DE UM ARTIGO CIENTÍFICO
<i>Esclarecimentos</i>
<p>Os artigos científicos são pequenos estudos, porém, completos, que tratam, de uma questão verdadeiramente científica. Apresentam o resultado de estudos ou pesquisas e diferenciam os diferentes tipos de trabalhos científicos pela reduzida dimensão e <i>conteúdo</i>.</p> <p>Os assuntos dos artigos deverão sempre respeitar cientificidade da disciplina em pauta e a relação com o programa no curso. O artigo científico não tem obrigatoriedade de abranger todo o conteúdo programático do módulo ou curso, sendo importante a aplicabilidade de um mínimo de cinco e o máximo de quinze páginas.</p>
<i>A Construção do artigo científico</i>
<p>O primeiro passo para construção do artigo científico é o embasamento teórico, que o aluno deverá buscar nas referências específicas de cada curso e em outras bibliografias opcionais, que tenham relação com o tema. Posteriormente, o aluno deverá criar um título, que, obrigatoriamente, precisa corresponder ao conteúdo.</p> <p>O passo seguinte é a montagem do corpo do artigo, que deverá conter: introdução, desenvolvimento e conclusão.</p>
<i>No que consiste cada parte do artigo?</i>
<p>Introdução: apresentação do assunto;</p> <p>Desenvolvimento: texto com exposição, dedução lógica baseada e fundamentada no texto de forma resumida.</p>

Todavia, não convém que os artigos sejam muito subdivididos, para que o leitor não perca a seqüência. Quando necessário, a divisão deverá obedecer a uma ordem lógica, em que cada parte forme um todo e tenha um título adequado (LAKATOS, 1991, p. 86).

O texto deve mostrar sempre uma concordância com consistência e coerência dos elementos essenciais, pois o autor poderá gerar clareza, explicitando as idéias; conseguir precisão, sendo objetivo nos pontos abordados; alcançar rigor, atentando para as abrangências e as restrições das palavras e idéias. Usando uma linguagem correta, simples e procurando sempre manter a linha científica.

ROTEIRO PARA PRODUÇÃO DE UMA MONOGRAFIA

As monografias dos cursos de **MBA** e de *lato sensu* deverão ser produzidas conforme exigência das versões mais recentes das normas em vigor da **ABNT**. Confira a seguir, em passos detalhados, como montar a monografia.

a) *Folhas preliminares: Capa, contra capa, dedicatória, epígrafe, lista de figuras e sumário.*

b) *Introdução e/ou Apresentação:* Parte do trabalho que visa a introduzir o leitor no questionamento que se pretende estudar.

c) *Justificativa:* Parte do trabalho que visa a apresentar justificações da relevância científica do trabalho para o meio científico e para o senso-comum.

d) *Problematização:* Qual o problema está sendo investigado?

e) *Referencial Teórico:* Concepções teóricas sobre o problema em questão, bem como a articulação entre vários autores, descrevendo os principais pontos abordados ao longo das disciplinas do curso.

f) *Metodologia:* Métodos e técnicas utilizadas para coleta de dados mediante a problematização.

g) *Resultados:* Os resultados coletados por observação, levantamento bibliográfico, análise documental e/ou experimentação etc.

h) *Considerações finais ou conclusão*: A interpretação dos resultados mediante a problematização apresentada.

i) *Referências*: Conjunto de fontes e obras usadas direta ou indiretamente no corpo da monografia.

i) *Apêndice*: qualquer item incluído na monografia para exemplificar algo, que tenha sido produzido pelo autor da monografia. Exemplo: o modelo de questionário usado, as tabelas e gráficos da tabulação dos dados, mapas etc.

j) *Anexos*: qualquer item incluído na monografia para exemplificar algo, que não tenha sido produzido pelo autor da monografia. Exemplo: uma tabela do **IBGE**, um mapa, fotos, recortes de jornal etc.

l) Questões de formatação

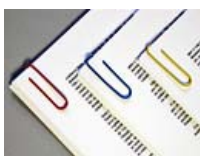
» Espaçamento entre linhas: 1,5 » Fonte: Arial » Tamanho: 12 » N° de páginas: mínimo de 20 (TEXTO) para monografia; 15 para artigo científico » Numeração das páginas: canto superior direito » Alinhamento: justificado.

A monografia deverá ser enviada por e-mail, em formado Word, em um único arquivo, para o endereço eletrônico secretaria@bou.com.br. Também deve ser enviada no formato impresso/encadernado, pelos Correios, para o endereço da **ESAB** no Espírito Santo, a saber:

Av. Santa Leopoldina 840 – sala 334, Coqueiral de Itaparica

Vila Velha – ES

CEP 29102-040



EXERCÍCIO 2:

PASSAR PARA O PRÓXIMO ANTES DE
COMPLETE O SEGUNDO EXERCÍCIO DE
CAPÍTULO.

CAPÍTULO 8

8. Redigindo o trabalho científico

Falar na necessidade de ter de escrever algo é, não raro, tocar em um ponto fraco da maioria das pessoas, quer sejam elas estudantes ou não. A qualidade da escrita está diretamente relacionada à frequência de leitura. Se o pesquisador está bem informado sobre o contexto em que se encontra o problema que buscou responder e se tem claro o referencial que apóia seu estudo, terá menos dificuldades para redigir sua monografia ou artigo.

Você pode estar se perguntando: devo começar a escrever somente depois de coletar os dados ou posso ir escrevendo antes de terminar a coleta? A resposta é muito pessoal, porque, sendo diferentes uns dos outros, os pesquisadores também têm maneiras diferentes de se organizar.

Há aqueles que estabelecem um cronograma para a execução da pesquisa e o seguem rigorosamente, dedicando-se diariamente à escrita de trechos. Outros são totalmente diferentes e parece que depois de longos períodos sem sentar-se diante do computador, acordam cheios de idéias, tendo períodos extremamente produtivos. Não sabemos qual é a maneira com a qual você mais se identifica. De qualquer forma,

a elaboração de um trabalho escrito é algo que exige dedicação de tempo, para que se os prazos sejam respeitados.

8.1 Estruturando tópicos

Embora a coleta e a análise de dados sejam os procedimentos por meio dos quais você vai dar resposta ao problema de sua pesquisa, a monografia não se resume à apresentação dos dados coletados e das conclusões a que o pesquisador chegou.

Uma monografia é também um relatório de pesquisa. Portanto, o pesquisador deve informar tudo o que fez, do momento em que se decidiu pela escolha do problema até as conclusões a que chegou. Sendo assim, a monografia deve ser escrita de forma a deixar claras as seguintes informações:

1. O problema que o pesquisador estava buscando responder e o contexto em que ele se encontra;
2. As idéias e argumentos que a literatura traz a respeito do problema;
3. O método e os procedimentos metodológicos usados na coleta e análise de dados, em que lugar esses dados ou com quem as informações foram coletadas;
4. Apresentação dos dados obtidos;
5. A análise dos dados à luz do referencial;
6. Apresentação das conclusões.

Essas são informações que devem constar de um relatório de pesquisa que, no seu caso, é uma monografia ou artigo.

Observe que elas estão dispostas em uma seqüência lógica. Em geral, cada um desses tópicos compõe um capítulo da monografia, mas podem ser organizadas de forma diferente.

Se você sabe que terá de dedicar um capítulo a cada um desses tópicos, assim que seu projeto de pesquisa for aprovado pelo seu orientador, já é possível tentar fazer um esqueleto da sua monografia.

O ideal é que você a estruture em capítulos e escreva o que será abordado em cada um deles. Veja como fez um estudante de pós-graduação em informática:

Informática

Assistente para integração e organização de interações

Introdução

Este capítulo contextualiza o assunto apresentando um contexto histórico da comunicação, da sua evolução junto à sociedade e de sua aplicação atual nas comunidades virtuais, sobretudo para a aprendizagem cooperativa. Os objetivos do trabalho, a metodologia empregada e a forma como a dissertação está organizada também serão expostos neste tópico.

Capítulo 2 – Aspectos Teóricos da Comunicação e da Aprendizagem

Esta parte apresenta o estado da arte da comunicação e das ferramentas de comunicação mediada por computador (CMC – Computer Mediated Computer), bem como de sua aplicação em ambientes de aprendizagem cooperativa.

Este capítulo será estruturado nos seguinte subtópicos:

- a) Contexto histórico das pesquisas
Apresenta simplificadaamente como as pesquisas sobre o assunto surgiram e evoluíram.
- b) Principais teorias atuais
Apresenta o estado da arte com as principais teorias relacionadas ao assunto
- c) A relação entre comunicação e tecnologia
Estabelece uma relação com as teorias discutidas anteriormente e a forma como a tecnologia foi empregada e realimenta as mudanças no processo de comunicação

- d) O papel na comunicação na aprendizagem
Relaciona algumas teorias pedagógicas que enfatizam o papel da cooperação no processo de ensino-aprendizagem

Capítulo 3 – Proposta de Ontologia

Esta parte estrutura em uma Ontologia o conteúdo apresentado no capítulo anterior e o conhecimento incorporado pelas reflexões e revisões bibliográficas realizadas durante o desenvolvimento do mestrado.

Esta ontologia pretende consolidar o conhecimento do assunto e sobretudo fornecer base para a classificação das tecnologias e ferramentas e para a concepção da ferramenta proposta neste trabalho.

Uma breve apresentação do assunto ontologias será apresentada e na seqüência, a ontologia em si será estruturada nas seguintes partes: questões de competência, mapa conceitual, axiomas e glossário.

Capítulo 4 – Avaliação de Ferramentas de Comunicação

Com base na ontologia anterior, esta parte apresenta um framework que permite classificar as tecnologias e as ferramentas de comunicação e de cooperação.

Esta classificação permite mapear o estado de prática e posicionar o cenário em que o ambiente proposto neste trabalho está localizado.

Capítulo 5 – Protótipo

Esta parte apresenta o ambiente proposto, organizado nos seguintes sub-tópicos:

- e) Visão Funcional
Este tópico relaciona as funções do ambiente por meio dos Casos de Uso. O projeto de interface ilustra as principais funções do sistema.
- f) Estrutura das Informações
Este tópico apresenta o diagrama das classes de negócio do ambiente.
- g) Arquitetura
Este tópico apresenta a forma como o projeto do sistema está estruturado, por exemplo, quais as camadas e quais os recursos de integração estão presentes no projeto arquitetônico do ambiente.
- h) Outras Características
Este tópico trata qualquer outra peculiaridade do projeto do ambiente que seja interessante no contexto da pesquisa.

Capítulo 6 – Perspectivas Futuras

Este tópico traça os rumos que a pesquisa e o ambiente podem seguir conforme as tendências do estado da arte e do estado de prática.

Capítulo 7 – Conclusões

Este tópico conclui o trabalho estabelecendo as relações entre os aspectos teóricos e a avaliação da ferramenta. Os questionamentos e resultados são discutidos.

Observando esses exemplos, você pode concluir que é possível, sim, adiantar a redação de parte da monografia, mesmo antes de iniciar a coleta de dados. Na maioria das vezes, você aproveita as informações apresentadas no seu projeto, incluindo-as na monografia.

Por exemplo: no projeto, você já delimitou o problema, já o situou em um contexto, já disse por que pretende estudá-lo. Todas essas informações são relevantes para a monografia. Sendo assim, você pode e deve aproveitá-las.

Se você elabora um esquema como esse que acabou de ver, fica mais fácil escrever, porque sabe o que deverá incluir em cada capítulo ou setor do trabalho.

Para que seus leitores tenham uma idéia mais clara sobre o que vão ler, é importante que, na introdução da sua monografia, você apresente um parágrafo para cada capítulo, resumindo o que será abordado.



DICA:

Para ter uma idéia de como fazer isso, acesse o link <http://www.geteq.ufsc.br/dissertacoes/DGilberto.pdf>, que disponibiliza a dissertação "Integração vertical e terceirização: uma abordagem crítica focada nas questões estratégicas para a competitividade da manufatura". No item 1.3, o autor apresenta a estrutura de sua dissertação.

Também com o intuito de situar o leitor, ao iniciar cada capítulo da sua monografia, reserve o primeiro parágrafo para informar o que ele irá encontrar naquele capítulo.

Os títulos dos capítulos farão parte do sumário da monografia, geralmente organizado após o término da redação. A seguir, estão dois exemplos de sumários. O primeiro é um estudo realizado por um aluno de pós-graduação em Ciências Contábeis, enquanto o segundo foi desenvolvido por uma aluna de pós-graduação em Educação.

Ciências Contábeis

Uma alternativa de balanço social no Grupo Águia Branca

- 1 Introdução
- 2 Revisão da literatura
 - 2.1 Dimensão externa a responsabilidade social
 - 2.1.1 Comunidades locais
 - 2.1.2 Parceiros comerciais, fornecedores e consumidores
 - 2.2 Dimensão interna a responsabilidade social
 - 2.2.1 Gestão dos recursos humanos
 - 2.2.2 Saúde e segurança no trabalho
 - 2.2.3 Gestão do impacto ambiental e dos recursos naturais
 - 2.3 Áreas de atuação da responsabilidade social
 - 2.4 Por que as empresas devem ter responsabilidade social?
 - 2.5 O balanço social
 - 2.5.1 Origens da idéias
 - 2.5.2 Evolução no Brasil
 - 2.5.3 Os beneficiários
 - 2.5.4 Balanço social x sociedade
 - 2.5.5 A transparência

- 2.5.6 Importância da metodologia
- 3 O Grupo Águia Branca
 - 3.1 Tempos pioneiros
 - 3.2 Águia Branca: um negócio de família
 - 3.3 A diversificação do negócio
 - 3.4 As unidades de negócio
- 4 Águia Branca: responsabilidade social x balanço social
- 5 Elaborando a estratégia do balanço social
 - 5.1 Escolha da metodologia para a construção do modelo
 - 5.2 Probabilidades sugestivas e sua importância no processo decisório
- 6 Alternativa de proposta do balanço social
- 7 Um modelo probabilístico para o Grupo Águia Branca
- 8 Conclusões e sugestões

Educação

Grupos acadêmicos: um mergulho em águas turbulentas

- 1. Introdução
 - 2. Percurso metodológico
 - 2.1 Caracterizando os grupos
 - 3. O ser humano em interação/comunicação
 - 3.1 Recorrendo a autores que dissertam sobre o tema
 - 3.2 Algumas considerações acerca da abordagem humanista-existencial
 - 3.3 Um olhar humanístico sobre o homem e sobre a educação
 - 3.4 Situando a comunicação num contexto mais amplo: sua importância para a educação
 - 3.5 Alguns conceitos importantes
 - 3.6 Interação e atitudes pessoais
 - 4. Processos grupais: um mergulho em águas turbulentas
 - 4.1 Processos no fluir dos grupos
 - 4.2 Correntes, movimentos/forças avassaladoras
 - 4.3 Os vórtices: redemoinhos de (des)encontros
 - 4.4 Mergulhando novamente: revendo dimensões
 - 4.5 Algumas aprendizagens
 - 5 Considerações finais
-

8.2 Dialogando com outros autores: o uso da citação

Alguns capítulos da sua monografia serão redigidos com base apenas no seu conhecimento. É o caso, por exemplo, da introdução, em que você apresenta o que problema que pretende responder, o contexto em que ele se insere, o porquê de você ter feito a escolha por ele.

No entanto, em outros capítulos, você terá de inserir em seu texto idéias defendidas por outras pessoas. Isso acontece, por exemplo, no momento em que procede à revisão da literatura, ou seja, quando você vai expor o que um grupo de autores já disse a respeito do assunto que você está estudando. É, portanto, a hora em que você começa a citar os autores, apropriando-se do discurso deles em favor da argumentação que pretende desenvolver.

A respeito disso, Richardson (1999) chega a falar em manipulação das citações, o que segundo ele se faz com diferentes objetivos:

Em certos casos, elas servem para apoiar afirmativas deduzidas dos resultados da investigação. Aí, longe de duvidar ou não, se atribuisse valor ao que se está disposto a afirmar, procura-se corroborar, seja o que for dito, seja o que já disseram outros. Noutras ocasiões, se faz referência a certa bibliografia ou a determinadas citações em particular com o fito de refutá-las. (...) Em certas ocasiões, no bojo de um relatório de pesquisa, vale a pena retomar discussões sobre um ponto controvertido. Esse é o momento em que se pode e até mesmo se deve, apelar para citações que se contradizem. (RICHARDSON, 1999, p. 301)

Uma citação pode ser de dois tipos:

- **Indireta:** quando, com suas palavras, você mostra uma interpretação do que disse determinado autor;
- **Direta:** quando a idéia de um autor é apresentada exatamente como está na obra consultada, como a citação que você acabou de ler.

O discurso alheio é importante para a elaboração de um trabalho científico, mas há dois pontos a serem destacados. O primeiro deles diz respeito ao excesso de citações. Como diz o ditado, tudo que é demais sobra. É comum a existência de monografias em que, ao longo de todo o texto, os autores intercalam trechos pequenos de sua autoria com longas citações.

O que se tem, nesse caso, é um verdadeiro festival de “fulano disse isto, beltrano disse aquilo” e o que o pesquisador quer dizer ninguém sabe, porque ele simplesmente não escreve. É importante que você compreenda que a argumentação é construída por você, pesquisador, autor do trabalho.

A inserção de trechos escritos por outros autores deve acontecer no momento apropriado, conforme vimos na orientação de Richardson. Dê preferência ao uso da citação indireta, ou seja, aquela em que você faz uma interpretação das idéias do autor.

Aqui, é preciso fazer outra observação: da mesma forma que não deve abusar das citações diretas, o autor de um trabalho científico também não deve apenas substituir alguns verbos e

dizer que fez uma interpretação das idéias. Isso caracteriza plágio e você deve estar lembrado de que plágio é crime.

Quanto à forma de apresentar as citações, enquanto a indireta vem no meio do texto, pois é apresentada pelo autor da monografia, a direta pode ou não vir, dependendo da extensão do trecho a ser citado: se tiver menos de três linhas, pode ser colocado no meio do texto, entre aspas ou em itálico. Se for maior, é apresentado em parágrafo separado, com recuo esquerdo de 4 centímetros, espaçamento de linhas simples e fonte tamanho 10.

Além disso, se o trecho começa a ser citado a partir de qualquer ponto da frase que não do seu início, inicia-se a citação com (...), indicando que parte da frase ficou para trás. Quando o pesquisador finaliza a citação no meio de uma frase deve usar o mesmo recurso.

Não importa se a citação é direta ou indireta, o pesquisador deve, sempre, indicar onde ela pode ser encontrada. No caso da citação indireta, basta indicar, entre parênteses, o sobrenome do autor e o ano em que a obra foi publicada.

Exemplo: (RICHARDSON, 1999)

No caso de citação direta, ao final do trecho, acrescenta-se o número da página em que se encontra o texto citado.

Exemplo: (RICHARDSON, 1999, p. 22)

Todos os autores citados ao longo da monografia devem ser incluídos na seção "Referências". (*Veja adiante como apresentar as referências do material consultado*).

8.3 Que tipo de material consultar?

Se o pesquisador utiliza teorias e conceitos para estudar fenômenos, a leitura é um hábito que deve ser cultivado. E não é apenas nos livros que você poderá conhecer o que outros pesquisadores e autores disseram a respeito do fenômeno que você pretende estudar.

Além dos livros, há ainda jornais e revistas, que podem apresentar material interessante sobre o seu problema de pesquisa. Além disso, a Internet também tem sido uma fonte importante para os pesquisadores, reunindo uma quantidade considerável de informações. É preciso ressaltar, no entanto, que, pela liberdade que oferece para publicar conteúdos, a Web exige que o pesquisador seja criterioso em suas pesquisas.

Uma das vantagens trazidas pela Internet é a possibilidade de se discutir virtualmente determinados temas. Provedores como Google, Yahoo! E Hotmail permitem aos usuários criar listas ou grupos de discussão. Nesses fóruns no ciberespaço, organizados por temas e áreas, você pode encontrar pessoas, pesquisadores experientes, inclusive, discutindo sobre o fenômeno que pretende abordar na sua monografia. Sendo assim, esses grupos podem ser fontes de informação para sua pesquisa.

Por último, até mesmo informações e conceitos apresentados em CD-ROM, aulas, palestras, encontros científicos e obras audiovisuais (filmes, vídeos, DVD's) podem ser usados na sua monografia.

8.4 Como apresentar as referências

a) Livros

De acordo com a **ABNT**, as referências variam conforme o tipo de documento. No caso de livros, por exemplo, além de nome e sobrenome do autor e nome da obra, é preciso informar o local, o número e o ano de edição e também o nome da editora.

PHILLIPS, Bernard S. **Pesquisa social: estratégias e táticas**. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

b) Jornais

No caso de usar material coletado de jornais, a maneira de referenciar muda. O que vem em negrito não é o título da reportagem, mas o nome do jornal.

BAPTISTA, Jussara. Mais de 8 mil motoristas aguardam decisão sobre recursos de multas. **A Gazeta**, Vitória, p. 4, 14 mai. 2005.

c) Revistas

Para referenciar material coletado de revistas, outras informações são necessárias, como o ano, o volume e o número do exemplar consultado.

FORNAZIER, Alessandra. Navios maiores no Porto de Vitória. **Pedras do Brasil**, Vitória, ano 4, v. 1, n. 35, p. 48-49.

d) E-mail

Se você está fazendo citação com base em mensagens recebidas por e-mail, deverá incluir na referência os seguintes dados:

FASSARELA, R. C. **O amor** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <jojoderiz@yahoo.com.br> em 17 mar. 2004.

e) Eventos científicos

Se você participou de um congresso, fórum, seminário ou simpósio e gostaria de citar algo que foi dito durante uma sessão de apresentação de trabalhos, a referência sobre esse material deve incluir o nome do evento, a edição, o ano e a cidade em que foi realizado, além do título do evento:

Segenreich, Stella C. D. **Avaliando a aprendizagem colaborativa on-line na Educação Superior: novas contribuições do Fórum de Discussão e da Auto-avaliação do Aluno**. Trabalho apresentado durante o ENCONTRO VIRTUAL EDUCA BRASIL DE ESPECIALISTAS EM NOVAS TECNOLOGIAS, EAD E FORMAÇÃO CONTINUADA, São José dos Campos, 2005.

f) Informações verbais

Se você obteve uma informação importante para o seu trabalho durante um evento (congresso, fórum, palestra, aula) e se essa informação não foi apresentada/publicada como trabalho científico ou nos anais do evento, sendo apenas parte de uma conversa, uma discussão, não há formato para apresentar as referências desse material. Nesse caso, você pode informar em

nota de rodapé quem deu a informação (se não tiver feito isso no texto), onde (tipo e nome do evento, cidade em que foi realizado) e quando. Veja a seguir dois exemplos.

Discussão realizada durante o II Fórum Estadual de Meio Ambiente, realizado em Vitória-ES, em 5 de junho de 2004.

Conceito apresentado pelo prof. Jaime Roy Doxsey, em aula da disciplina Antropologia Cultural para alunos de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, em 14 de outubro de 2004.

8.5 Linguagem a ser utilizada



Quanto à linguagem, embora o discurso científico tenha suas próprias características, cada pesquisador tem seu estilo de escrever.

Assim, dependendo da área de conhecimento em que esteja inserido o estudo, os pesquisadores têm usado das mais diversas estratégias para 'contar' o que, por que e como estudaram e a que conclusões chegaram com seu estudo.

Nas Ciências Humanas, alguns pesquisadores têm feito a opção por escrever seus relatórios usando o estilo literário, o que não acontece nas Ciências Exatas, em que é comum o desenvolvimento de estudos abordando a construção de ferramentas e produtos ou de métodos para elaboração de determinada atividade.

Alguns professores preferem que seus orientandos elaborem a monografia escrevendo sempre na primeira pessoa do plural (“nós decidimos...”; “nossa conclusão foi que...”) e não na primeira do singular (“eu decidi...”, “minha conclusão foi que...”). Eles entendem que isso representa um afastamento entre pesquisador e objeto de pesquisa, que, segundo os princípios da Ciência Moderna, é fundamental para a validade das pesquisas.

Outros orientadores recomendam que o pesquisador utilize sempre o discurso na voz passiva, no qual os verbos são sempre acompanhados da partícula apassivadora *se* (“nesta pesquisa, entende-se que...”; “Assim, conclui-se que...”).

Outros não se importam que o autor da monografia se coloque no texto, quer pela utilização do discurso na primeira pessoa do singular (“eu entendo que...”; “eu concluo que...”), entendendo que isso não descredibiliza o teor de uma pesquisa científica.

Preferências à parte, um ponto não pode ser esquecido: ao escrever, procure ser coeso e coerente, características que o levarão a construir uma boa argumentação. Outra coisa: não passe por cima das regras da língua portuguesa. Se você concluir que não tem conhecimento suficiente sobre isso, peça a alguém para revisar seu texto, o que deve ser feito quando sua monografia já tiver sido totalmente concluída.

8.6 Estética da monografia

Assim que começar a escrever a monografia, configure logo o arquivo, definindo as margens, a fonte e o tamanho que irá utilizar tanto no corpo do texto quanto nos títulos.

As normas recomendadas pela equipe ESAB é que você utilize a seguinte configuração:

- Tamanho do papel: A4
- Margens: 3 cm para superior e esquerda e 2 cm para inferior e direita.
- Corpo do texto: Arial, 12; entrelinha 1,5; espaço de 18 pontos após os parágrafos, alinhamento justificado.
- Títulos: a sugestão é que você use o tamanho 18, negrito e caixa alta para os títulos de nível 1 (usados para abrir os capítulos); tamanho 16, negrito e caixa baixa para os títulos de nível 2; tamanho 14, sem negrito e caixa baixa para os títulos de nível 3 ; tamanho 12, itálico e caixa baixa para os títulos de nível 4. Veja abaixo:

TÍTULO DO CAPÍTULO 1

Título nível 2

Título nível 3

Título nível 4



DICA: Se você está usando o processador de textos Microsoft Word, a ferramenta 'Estilos' será de grande importância para você obter um resultado estético uniforme no texto da sua monografia. Essa ferramenta pode ser acessada a partir do menu 'Formatar'. No tópico 'Ajuda', você encontra todas as informações sobre como utilizá-la.

CAPÍTULO 9

9. A integridade acadêmica na produção científica⁶

Este módulo não estaria completo sem uma reflexão sobre a conduta acadêmica ética e sem explorar as nossas responsabilidades mútuas na construção de uma educação a distância com integridade acadêmica.

À medida que a educação e a pós-graduação a distância crescem no ensino superior brasileiro, instituições públicas e particulares buscam defender a educação presencial. São comuns questionamentos sobre a qualidade dos cursos sendo oferecidos a distância, a viabilidade de uma aprendizagem academicamente responsável e várias críticas dirigidas ao sistema de avaliação online. O ônus de “provar” e “defender” cursos de **EAD**, infelizmente, forma parte do cenário moderno e constitui um desafio para o ensino a distância.

Ao mesmo tempo, a educação presencial em todos os níveis sofre uma crise de credibilidade quanto à sua relevância e eficácia. Poucas instituições enfrentam diretamente a polemica sobre a falta de ética dos alunos e professores na produção científica, nas provas e tarefas acadêmicas utilizadas na avaliação da aprendizagem. Em algumas instituições não são mais aceitáveis os trabalhos escritos fora da sala de aula devido

⁶Texto adaptado do **Fascículo 1 – Introdução à pesquisa educacional – reconstruindo a pesquisa na educação**. Doxsey, J. R. e Mugarbi, E., 2003. Capítulo 5. p. 77-91.

ao mercado de pesquisas bibliográficas, monografias e plágio descarado sendo praticado.

A reprodução de textos originais sem autorização dos autores ou a omissão do autor infringe a Lei 9.610/98, a debatida Lei sobre Direitos Autorais (Veja a Lei no site do Ministério da Ciência e Tecnologia, disponível em <http://www.mct.gov.br/legis/leis/9610_98.htm> ou consulte o Anexo 2 para analisar os principais artigos.)

A equipe **ESAB** está comprometida em promover a integridade acadêmica em todas as ações educacionais de seus cursos. O material e links oferecidos on-line são constituídos por conteúdos de autoria de nossos professores e consultores, sempre buscando respeitar as citações bibliográficas e os direitos autorais de terceiros.

Temos responsabilidades mútuas para identificar, prevenir e corrigir os possíveis erros detectados no sistema CAMPUS ONLINE e o material didático atualmente em uso. A reflexão que fazemos aqui envolve diretamente todos/todas os/as participantes de uma modalidade de ensino-aprendizagem que utiliza novas tecnologias, facilitando o fluxo de conteúdos, de idéias e de uma produção acadêmica cuja apropriação deve observar as normas de propriedade e autoria intelectual.

As questões éticas também são importantes facetas de qualquer produção ou investigação científica, mais ainda quando se trata de pesquisa com seres humanos. Pensar a ética online e em

pesquisa implica ter uma preocupação tanto com o uso do conhecimento produzido quanto com o respeito pelos sujeitos sob investigação.

Qual a pertinência desse debate para a educação on-line e para a pesquisa educacional? Em primeiro lugar, ele é importante porque afeta cada nível de ensino, cada sala de aula e cada projeto de monografia ou outra produção científica.

Qual ética deve prevalecer no ensino a distância, na condução da pesquisa com seres humanos e na produção acadêmica? Como podemos promover maior entendimento sobre certas normas que devem ser observadas nas práticas de produção de módulos, textos, nos levantamentos bibliográficos e nos trabalhos de monografia?

9.1 Condutas indesejáveis na produção do conhecimento

Pensamos que uma forma de prevenir atos antiéticos é clarificar nossos valores e pressupostos sobre condutas (in)desejáveis na produção do conhecimento. Três condutas indesejáveis são o plágio, a fraude e a colaboração imprópria na produção acadêmica.

9.1.1 Plágio



É considerado **plágio**:

1) qualquer ato ou tentativa de utilização, obtenção, cessão ou transmissão de informações, opiniões ou dados, pelo próprio, por intermediário de ou com a cumplicidade de outrem, através de livros, “colas” e outras fontes, realizada por meios escritos, orais ou gestuais antes e durante a realização de provas de avaliação;

2) qualquer ato ou tentativa de usar o trabalho intelectual, idéias, representações conceituais ou materiais de outro (fotografias, imagens, vídeos, gráficos, programas ou páginas de computação) como se fosse produção própria.

9.1.2 Fraude

Considera-se como sendo **fraude** ou falsificação deliberada de dados a distorção de informações, conteúdos ou resultados. A falsificação de documentos, de datas ou de imagens, bem como a entrada sem autorização em computadores e/ou redes para alterar qualquer tipo de informação também pode ser fraude.

9.1.3 Colaboração imprópria

A **colaboração imprópria** consiste na utilização de terceiros, sem a devida menção de sua participação / contribuição no desenvolvimento, organização ou revisão de um trabalho, projeto, proposta, apresentação oral, escrita, ou numa pesquisa de campo.

De uma maneira mais geral, pode ser considerada desonestidade acadêmica a apresentação de trabalhos, próprios ou não, com ou sem alterações, como requisito para obtenção de crédito em uma disciplina ou curso, em mais de uma circunstância acadêmica. Este problema é de difícil verificação e depende muito da integridade dos aprendizes, principalmente a distância.

O ato de pesquisar requer ir além do que já se sabe, do que já foi escrito ou produzido por outro. A qualidade da aprendizagem usando os módulos, nos cursos da **ESAB** e em qualquer produção de conhecimento, depende da compreensão de todos de que o levantamento de fontes e dados não é um ato de mera **reprodução**, nem de resumo ou fabricação de textos ou montagem de colagens dos pensamentos dos outros.

A tentativa de atribuir à **Internet** a responsabilidade de condutas acadêmicas indevidas e/ou às facilidades modernas da informática não resolve o problema. A nossa postura como educador e/ou pesquisador ético nos envolve necessariamente no reconhecimento da importância de trabalhos preventivos e num diálogo sobre as aprendizagens desejáveis.



DICA: Para maiores informações sobre plágio e a compra de produtos acadêmicos em todos os níveis educacionais, veja as páginas e links de Augusto C. B. Areal sobre o plágio no Brasil, (<http://www.persocom.com.br/brasil/plagio1.htm>) e a comunicação de Professor Carlos Pio sobre a venda de trabalhos acadêmicos (http://www.terra.com.br/istoe/1699/comportamento/1699_phd_de_aluguel.htm). Ou digite a palavra-chave “plágio” em qualquer site de busca da **WEB**.

9.2 Responsabilidades e direitos dos professores-tutores e dos alunos on-line

Existe uma necessidade crescente que instituições educacionais de todos os níveis examinem melhor a atual conduta de seus/suas professores/as e alunos/as com relação às práticas e políticas pedagógicas. Certamente, há uma falta de diálogo na comunidade científica sobre o suposto aumento de fraude e conduta antiética nas diferentes instituições de ensino superior, públicas ou não.

Para muitos/as educadores/as a responsabilidade principal da proliferação de material plagiado é da Internet. Com efeito, o acesso livre aos documentos e à informação eletrônica em geral cria as condições para uma apropriação indevida do conhecimento, que é apresentado freqüentemente como sendo de autoria própria. No entanto, precisamos nos perguntar até que ponto certas atividades não contribuem ao uso indiscriminado de material da Internet, à duplicação de textos

sem citação correta de fontes e a outras práticas de plágio.

Além das responsabilidades 'normais' do professor do ensino superior, o professor tutor da **ESAB** tem uma responsabilidade especial em auxiliar os aprendizes e o corpo acadêmico como um todo, para zelar pela conduta ética do ensino a distância. Isso abrange todas as fases e as interações entre os atores participando no sistema CAMPUS ONLINE.

O(a) aluno(a) aprendiz compartilha com seus tutores essa responsabilidade. Sua conduta ética valida os conceitos da aprendizagem on-line, garantindo, assim a integridade acadêmica da proposta **EAD** da **ESAB**.

A utilização ética do sistema CAMPUS ONLINE e do material didático recebido pelos co-aprendizes é primordial. Seu acesso e apropriação são restritos aos alunos matriculados e aos tutores contratados pela **ESAB**.

Apresentação de material didático por professores-autores; preparação de artigos, links ou sites; comentários assinados pelos participantes do sistema; artigos científicos ou monografias de final de curso devem seguir os padrões para produção acadêmica e a legislação sobre direitos autorais em vigor.

Todos nós temos direitos relacionados às questões éticas levantadas aqui. Temos um direito de investir o nosso tempo e os nossos recursos intelectuais num sistema de aprendizagem de qualidade.

Temos o direito de participar coletivamente num empreendimento **EAD** que esteja construindo oportunidades democráticas para um acesso mais aberto possível de uma educação continuada. Os nossos direitos serão protegidos à medida que a nossa comunidade acadêmica cuida preventivamente da integridade e conduta ética da nossa produção do conhecimento.

REFLEXÃO COLETIVA: PREVENÇÃO DE CONDUTA ANTIÉTICA

Tente diagnosticar os POSSÍVEIS problemas que possam ocorrer nos cursos da ESAB. Que estratégias de prevenção de condutas consideradas antiéticas podem ser exploradas?

O que você ou a equipe ESAB deve fazer quando descobre que o material acadêmico produzido não é fruto do esforço dos próprios alunos?

O que ou quem pode ser responsabilizado pelos problemas existentes nesse âmbito? O que precisa ser feito? Como isso pode ser mais bem trabalhado no seu módulo, no curso, na ESAB e na sociedade em geral?

Registre suas conclusões no FÓRUM e leia a opinião dos outros participantes.

9.3 Desenvolvimento do compromisso da ética on-line nas atividades da ESAB

Alguns pressupostos básicos sobre a importância da integridade acadêmica e conduta ética científica no ensino superior à distância são apresentados no quadro a seguir. Uma educação superior de pós-graduação a distância de qualidade respeita os padrões de excelência que se estabelece e mantém nos cursos, nas disciplinas/módulos e nas atividades cotidianas de todos os atores da instituição.

Quadro 6. Pressupostos básicos sobre um ensino superior ético e de qualidade

1. O compromisso com suas atividades fins – **ensino, pesquisa e extensão** – é revelado pela participação efetiva de seus docentes e discentes nessas atividades, de acordo com as suas possibilidades.
2. A qualidade do ensino superior a distância reflete-se nos processos de produção do conhecimento, os quais envolvem um senso crítico e ético na cientificidade e valorização desse conhecimento.
3. A sala de aula virtual, bem como as atividades/tarefas de ensino/aprendizagem exigem padrões de excelência e relações interativas on-line caracterizadas pela integridade acadêmica.
4. A conduta ética do/a professor/a tutor em suas relações pedagógicas e acadêmicas constitui uma parte essencial de uma educação superior a distância de qualidade.
5. A conduta ética do/a aluno/a aprendiz como co-aprendiz ativo/a na construção / produção do conhecimento é essencial para garantir a qualidade educacional a distância.
6. A integridade acadêmica é definida por condutas, atitudes e práticas éticas reconhecidas e respeitadas pelo conjunto da comunidade acadêmica.

REFLEXÃO INDIVIDUAL: INTEGRIDADE ACADÊMICA

O que você pensa sobre esses pontos? Como você percebe a qualidade do trabalho acadêmico sendo desenvolvida na ESAB? A nossa comunidade acadêmica virtual precisa discutir sobre a integridade acadêmica e as relações pedagógicas do curso? Como fazer isso?

Registre sua opinião e/ou uma sugestão de reflexão sobre este tema no FÓRUM.

PARA VOCÊ CONTINUAR APROFUNDANDO SOBRE O TEMA DESTES CAPÍTULOS, SUGERIMOS AS SEGUINTE REFERÊNCIAS:

CATÃO, Francisco. **A pedagogia ética**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

DINES, Alberto. *A moda da ética e a ética sem dor*. In: **Folha de São Paulo**. 2 de agosto, 1997, p. 9.

Doxsey, Jaime Roy. *A educação enquanto intervenção humana: reflexões sobre a prática ética*. Trabalho apresentado no Seminário Regional de América Latina, Instituto para Desenvolvimento e Educação de Adultos - **IDEA**, Port-de-Prince, Haiti, 3 a 12 de setembro de 1997. (Disponível online em breve)

FLORES, M. A ética e a vida humana. **Ciência & Ética. Jornal do Federal - Informativo do Conselho Federal de Psicologia**. Ano XII (nº. 48) julho, 1997, p. 6.

CAPÍTULO 10

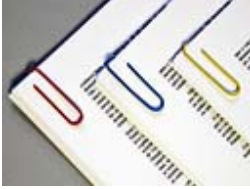
10. Conclusão

Na verdade, aprendizagem sobre metodologia de pesquisa nunca termina ao final de um livro-texto, manual ou módulo sobre o assunto. Em primeiro lugar, porque pesquisa científica é, além de uma leitura teórica, é também uma experiência prática. Em segundo lugar, as complexidades e especificidades da pesquisa científica são impossíveis de sintetizar ou modular em receitas ou fórmulas.

Convidamos você, leitor/a, a continuar aprendendo sobre a metodologia através da sua própria produção científica. Vimos como as abordagens metodológicas são formuladas de acordo com o foco que damos à construção de uma proposta de pesquisa e que a construção de um quadro teórico inicial deve focalizar problemas específicos. Apropriamo-nos de um referencial metodológico à medida que entendemos o grande elenco de alternativas de técnicas e métodos de pesquisa. Mas enfatizamos em nossas reflexões a necessidade de desenvolver a observação, a crítica e a curiosidade científica nessa busca de ser pesquisador/a.

Obrigado pela oportunidade de ter iniciado esse diálogo conosco.





EXERCÍCIO 3:

COMPLETE O TERCEIRO EXERCÍCIO ANTES DE PASSAR PARA PROVA DESTE MÓDULO.